

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA COMPARADA**

**DO DISCURSO ORIGINAL AO DISCURSO TRADUZIDO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA, DE *PEDRO PÁRAMO*, DE JUAN RULFO, PELO
VIÉS DA MEMÓRIA E DA SUBJETIVIDADE**

CAMILA DE CARLI

Frederico Westphalen, fevereiro 2013.

CAMILA DE CARLI

**DO DISCURSO ORIGINAL AO DISCURSO TRADUZIDO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA, DE *PEDRO PÁRAMO*, DE JUAN RULFO, PELO
VIÉS DA MEMÓRIA E DA SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras – Área de concentração Literatura Comparada, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras - Literatura Comparada.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Thereza Veloso

Frederico Westphalen, fevereiro 2013.

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA COMPARADA

A Banca Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**DO DISCURSO ORIGINAL AO DISCURSO TRADUZIDO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA, DE *PEDRO PÁRAMO*, DE JUAN RULFO, PELO
VIÉS DA MEMÓRIA E DA SUBJETIVIDADE**

Elaborada por
CAMILA DE CARLI
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Thereza Veloso – URI
(Presidente/Orientadora)

Membro Prof^a. Dr^a. Aracy Ernst- UCPEL

Membro Prof^a. Dr^a. Denise Almeida Silva– URI

Frederico Westphalen, 06 de fevereiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida, guiando-me para nunca perder as esperanças em um futuro melhor.

À minha família, especialmente minha mãe Elenita, e meus irmãos, Guilherme e Fernando, pelo carinho, apoio e incentivo, pelo exemplo de persistência e dedicação.

Aos meus avós, Osvaldo Jesus Fripp (*in memoriam*) e Geni Argenta Fripp, por serem meu espelho de vida e por acreditarem no meu potencial e proporcionarem todos os meus estudos. Obrigada por mais esta conquista.

Aos colegas do Mestrado, pois, unidos, conseguimos vencer o cansaço da corrida diária.

Às secretárias do Mestrado, amigas e ex-colegas, Vanderléia Skorek, Magali De Pellegrin Reinheimer e Franciele Nascimento, pelo auxílio incondicional.

Aos alunos do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Câmpus Ibirubá, e aos amigos e colegas, Eracilda Fontanela, Magda Pereira, André Fiorin, Luciano Cirino e Tiago Ferreira. Obrigada pela amizade e apoio.

Aos ex-colegas da URI, pelo incentivo.

A todos os professores do mestrado, pelos ensinamentos transmitidos e amizade.

À coordenação do Mestrado, Professores Lizandro Carlos Calegari e Denise Almeida Silva.

À orientadora desta dissertação, Prof.^a Maria Thereza Veloso, que acompanhou toda a minha evolução acadêmica e intelectual, desde a graduação, meu sincero agradecimento. Serei sempre grata pela sua presença humana e sua competência na orientação. Agradeço imensamente pelo incentivo, paciência e ensinamentos.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram e foram importantes para a realização desta Dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa tenta estabelecer um possível diálogo entre os estudos literários e linguísticos, considerando, em ambos, os conceitos de língua, sujeito e sentido sob a ótica discursiva provinda da Análise do Discurso de filiação francesa. O trabalho integra-se à linha de pesquisa Comparatismo e Processos Culturais e tem por *corpus* a novela *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, no idioma espanhol e em sua tradução para o Português. A proposta é a de comparar a obra original e a sua tradução, mediante os conceitos de Memória e de Subjetividade, considerados a partir dos pontos de vista discursivo e discursivo-literário, verificando de que forma os aspectos linguístico e ideológico foram transpostos e ressignificados para a obra traduzida.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Memória. Subjetividade. Tradução. Pedro Páramo.

RESUMEN

Este análisis intenta establecer un posible diálogo entre el discurso literario y el discurso lingüístico, considerando, en ambos, los conceptos de lengua, sujeto y sentido bajo la óptica discursiva derivada del Análisis de Discurso, de filiación francesa. Este trabajo se integra a la línea de investigación Comparatismo y Procesos Culturales. Constituye el *corpus* la novela *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, en el idioma español y en su traducción al portugués, la propuesta es la de comparar los conceptos de Memoria y Subjetividad, considerados desde los puntos de vista discursivo y discursivo-literario, analizándose cómo los aspectos lingüístico e ideológico fueron trasladados del original a la obra traducida.

Palabras clave: Análisis de Discurso. Memoria. Subjetividad. Traducción. Pedro Páramo.

LISTA DE ABREVIATURAS

- AD - Análise do Discurso de linha francesa
- FD - Formação Discursiva
- CP - Condições de Produção
- RD - Recorte Discursivo
- LP - Língua de Partida
- LC - Língua de Chegada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	13
1.1 Sujeito e Discurso pelo ângulo da Análise do Discurso de linha francesa .	13
1.1.1 Relembrando a teoria: Linguística, materialismo histórico, psicanálise e AD...	14
1.2 A língua fazendo sentido: a fundamentação pecheutiana do estudo do discurso e o sujeito constituído na ideologia	18
1.2.1 Efeito de sentido entre os interlocutores: conceituação de discurso	19
1.2.2 A formação do sujeito na AD.....	20
1.3 Pressupostos teórico-analíticos na perspectiva da Análise do Discurso	22
1.3.1 Formação discursiva e condições de produção	23
1.3.2 Interdiscurso e Intradiscurso: relações dependentes	25
1.4 Interpretação e Sentido: considerações	27
1.4.1 A Interpretação: a linguagem como lugar de conflitos e confrontos	27
1.4.2 A materialidade do sentido	28
2 ASPECTOS LITERÁRIOS, TRADUTÓRIOS E DISCURSIVOS: DIÁLOGOS E CONTRIBUIÇÕES	30
2.1 Identificando a dinâmica dos polissistemas e a traduzibilidade de um texto	30
2.1.1 Considerações sobre o texto literário: características linguísticas, semiológicas e sociológicas.....	30
2.1.2 O tradutor e o ato tradutório: tradução literária ou literatura traduzida?	39
2.2 Tradução: momento tensional de interação entre sistemas	44
2.2.1 O literário e o extraliterário na Teoria dos Polissistemas.....	44
2.2.2 A Teoria dos Polissistemas e a Análise do Discurso: um diálogo provável na área da tradução?	45
3 MEMÓRIA E IMAGINÁRIO	48
3.1 Real, imaginário e memória discursiva: buscando “implícitos”	48
3.2 A memória social	50
4 TRAMAS DISCURSIVAS EM PEDRO PÁRAMO	50
4.1 Do tempo linear ao tempo metafísico: confrontando o Real e o Imaginário no Discurso de Partida e no Discurso de Chegada	52
4.1.1 Juan Preciado e Pedro Páramo: a ausência paterna na construção da subjetividade do filho.....	52
4.1.2 Da memória imaginada ao real inapreensível: considerações literárias e discursivas.....	56
RD4	58
4.2 Comala, universo especular de um imaginário individual e coletivo do continente ibero-americano	60
4.2.1 A memória e a identidade discursiva em Juan Preciado	60
RD6	61
4.2.2 Interdiscurso, intradiscurso e forma sujeito na LP e na LC - memória social e subjetividade na América “invisível” de Pedro Páramo	62

RD7	63
RD8	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS	75
ANEXO A: Recortes discursivos analisados na obra	76
RD1	76
RD1	76
RD3	77
RD3	77
RD6.....	79
RD6	79
RD7	79
RD7	79
RD8	80
RD8	80

INTRODUÇÃO

Estabelecer relações entre a Análise do Discurso – AD e os estudos literários é o princípio norteador deste estudo, que se insere na linha de pesquisa Comparatismo e Processos Culturais, suporte necessário à fundamentação das investigações propostas neste trabalho.

As relações entre os discursos literário e linguístico tornam-se pertinentes através da Literatura Comparada, que permite estudar e estabelecer comparações entre os polissistemas literários, as traduções, a intertextualidade, entre outros aspectos presentes na área literária.

Ao confrontar esses dois discursos, é possível comparar, em um e outro, como os conceitos de memória e de subjetividade são expressos e como foram (re)significados na obra *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, na língua original e na sua tradução ao português.

A escolha do romance *Pedro Páramo* como *corpus* para esta investigação se deve ao interesse da pesquisadora pela língua espanhola, pela literatura hispano-americana, muito especialmente, pela obra de Juan Rulfo, por conter, em suas páginas, a expressão artística como uma forma de libertação das angústias vividas pelo escritor. Apesar de a obra ter sido escrita na metade do século XX, seu texto ajusta-se perfeitamente a aspectos da realidade presente. Rulfo retrata questões sociais, comprova como os mais fracos da sociedade se veem submetidos a injustiças seculares.

A obra apresenta um contexto temático do mundo rural ibero-americano e atribui um compromisso de revelação das injustiças sociais, conferindo vozes aos recalcados pela dominação repressiva dos discursos sociais, políticos, culturais e ideológicos.

O sociólogo Paulo Baía afirma que em *Pedro Páramo*,

Juan Rulfo busca uma forma especial e particularizada de compreender a totalidade das sociedades colonizadas na América Latina, estabelecendo na escrita um procedimento de identificação individual e social, em uma sociedade que tem, no conjunto de suas redes de sociabilidade, uma característica já quase que ficcional na investidura de seus entes enquanto atores sociais. Em *Pedro Páramo*, toda semelhança aponta para a aproximação da história social com a ficção na América Latina. (BAÍA, 2004, não paginado).

Pedro Páramo trata da promessa feita por um filho à mãe moribunda, que lhe pede que saia em busca do pai, o personagem Pedro Páramo, um malvado lendário e assassino. Juan Preciado – filho de Pedro Páramo – não encontra pessoas, mas defuntos repletos de memória, que falam da crueldade implacável de seu pai.

O imaginário social que Rulfo cria, em *Pedro Páramo*, é um mundo de dubiedades: pessoas mortas povoam o vilarejo, mas, ao mesmo tempo, esta percepção é colocada em dúvida, pois nunca existe a certeza de que os habitantes estão vivos ou mortos:

Juan Rulfo descreve um cenário de muitos assombros, povoado por vultos e seres que sempre emergem e desaparecem em sombras. O espaço territorial imaginado por Juan Rulfo parece ser construído por paredes e barreiras translúcidas, como vitrais de igrejas, que permitem a passagem da luz mas a filtram, pela intencionalidade das cores e das formas com que o autor constrói o mundo sólido e ambíguo dos personagens de *Pedro Páramo*. E, nesta estratégia narrativa, a palavra e o olho são fundamentais, pois pelo olhar do escritor processam-se as mortes, as desgraças, as esperanças perdidas, as reminiscências de dor e os ferimentos sempre abertos, sem, contudo, perder a fé de encontrar suas origens, e a partir delas, alçar voo à possibilidade de viver um devaneio de identidade, definida pela precisão das palavras lavradas pela sensibilidade sintetizadora de poeta. (BAÍA, 2004, não paginado).

Registros de memória social do sujeito discursivo, histórias vividas, recordações e buscas significativas estão presentes em *Pedro Páramo*. Outro item relevante é a utilização de falas populares, poéticas, sugerindo os aspectos formais e semânticos como outro viés possível de analisar-se comparativamente no original e na sua tradução.

Os fatores considerados para a análise, quais sejam, memória e subjetividade, são analisados a partir do desconhecimento da existência do pai, Pedro Páramo, fato com que o personagem Juan Preciado convive durante toda a sua vida e que o decepciona quando enfim descobre a verdadeira história do seu progenitor.

Nepomuceno, tradutor da obra para a língua portuguesa e amigo do escritor, considera que

há vários livros dentro deste romance conciso e contido. Uma história de amor desmesurado, desesperado e belo; também uma história da injustiça; outra, de vingança; e mais um painel depurado e amargo da realidade social nos campos do México de uma época imprecisa, e por isso mesmo, permanente; e também a história de um filho à procura do pai; e de um povoado habitado por mortos e fantasmas. (NEPOMUCENO, 2008, p. 12).

Após a publicação de *Pedro Páramo*, em 1955, sobreveio o silêncio do escritor. Eric Nepomuceno (2008) explica que, em suas conversas com Rulfo, este falava mil e um assuntos, mas sempre voltava ao mesmo tema, quando se referia ao silêncio: “Eu tinha o voo, mas cortaram minhas asas. Perdi”. Era assim, segundo Nepomuceno, que ele explicava seu silêncio. Porém, jamais esclareceu quem cortara suas asas, talvez por pressentir que haviam sido cortadas por ele mesmo (NEPOMUCENO, 2008, p. 7).

A publicação de seus dois livros, *El llano en llamas* (1953) e *Pedro Páramo* (1955), foram suficientes para exaltá-lo como um dos maiores escritores de língua espanhola. Por fim, há que salientar o que Nepomuceno destacou: “Rulfo escreveu e revelou o mundo de seus fantasmas e esperanças e, assim, nos revelou o mundo de todos nós” (2008, p. 7).

Claude Fell, coordenador de *Juan Rulfo – toda la obra*, apresentou, nesta obra, 1044 páginas de fragmentos, relatos, conferências e poemas, roteiros para cinema, publicados ao longo dos anos sobre o autor Juan Rulfo. Estes trabalhos somam cinco mil páginas, publicadas em vários idiomas.

Há que considerar Rulfo, mesmo com a publicação de poucas, mas brilhantes obras, como um dos maiores escritores de língua espanhola. É um “gigante silencioso”, como garante Nepomuceno:

Na verdade, nunca houve na América Latina um escritor mais silencioso que Rulfo. Este gigante em silêncio foi certamente o maior escritor mexicano do século XX, um dos maiores da América Latina e da literatura universal de seu tempo. Seus dois e solitários livros foram suficientes para instalá-lo de vez no pedestal reservado aos mestres e mestras. (NEPOMUCENO, 2008, p. 7).

É assim que sua obra é vista e admirada. Através de sua leitura, a imaginação do leitor percorre povoados desertos, personagens dúbios, fatos incompreensíveis ou duvidosos. Rulfo é um cantor das glórias da Revolução Mexicana, comprovando como os mais fracos da sociedade se vêm submetidos a injustiças seculares.

A obra, por fim, é uma representação do México após a Revolução, que expressa suas angústias, através de uma aldeia vazia, onde mortos sobreviveram para narrar as crueldades da história. Assim, para entender a obra *Pedro Páramo*

são necessárias várias leituras, considerada sua complexidade e a amplitude do seu nível de simbolismo.

É nesse âmbito histórico que a obra *Pedro Páramo* torna-se interessante para este estudo, pois contém, nos registros de memória do sujeito discursivo, histórias vividas, recordações e buscas significativas, itens que se configuram como de grande importância para o objetivo proposto nesta pesquisa. A obra carrega manifestações que representam a equivocidade da língua, ressaltando através de sua simbologia, as marcas não homogêneas da língua, representadas, em vários casos, pela ambiguidade .

Outro motivo relevante é a utilização de falas populares, poéticas, sugerindo os aspectos formais e semânticos relativos à tradução como outro viés possível de reflexão nesta análise, comparando-se em que medida a obra traduzida corresponde, em sua essência – aqui destacam-se os fatores sintáticos, semânticos e morfológicos – à obra original.

Os fatores levados em consideração para a análise, quais sejam, memória e subjetividade, são analisados a partir do desconhecimento da existência do pai, Pedro Páramo, falta com que o personagem Juan Preciado convive durante toda a sua vida.

Juan Rulfo, escritor mexicano, iniciou sua vida literária nos primeiros anos da década de 40, escrevendo secretamente após suas horas de trabalho. *Pedro Páramo* foi redigido entre os anos 1953 – 1954, período considerado como o mais criativo de sua atividade literária. Nessa época, destacavam-se a originalidade de seu estilo e a força narrativa em textos que, pelos temas que abordavam, continuavam aparentemente na moda regionalista, se consideradas as mudanças sócio-históricas que se operavam na época. Sua obra está vinculada a sua vida, pois remete, através da arte literária, a alguns dos acontecimentos de sua infância e adolescência, entre eles, a morte violenta do pai, e, posteriormente, a morte da mãe, que o vai deixando submerso numa solidão existencial.

Para investigar como foram trabalhados por Juan Rulfo, e na sua língua original – a espanhola -, os conceitos de memória e subjetividade e como foram eles (re)significados na tradução para a Língua Portuguesa, a teoria utilizada será a Análise do Discurso de linha francesa.

Desta forma, este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, toma-se a Análise do Discurso de linha francesa como suporte teórico, buscando

estabelecer um possível diálogo entre o discurso literário e o discurso linguístico. As principais bases para esta pesquisa estão inseridas nos conceitos de Formação Discursiva – FD, Condições de Produção – CP, Interdiscurso, Intradiscurso e sujeito. A escolha desta teoria justifica-se pelas possibilidades analíticas que proporciona, entre elas, tanto a problematização das maneiras de ler/interpretar, quanto de levar o sujeito falante e/ou o leitor à proposição de questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes situações discursivas reproduzidas nesse texto, tecido tendo as consequências da Revolução Mexicana sobre o cotidiano dos sujeitos.

A AD permite também perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, a sua opacidade. Igualmente nos conduz à compreensão de que não há neutralidade no uso da linguagem, nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos, pois, como garante Orlandi, “a Análise do Discurso nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem” (1999, p. 9). Nesse sentido, o que se objetiva é compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho com a linguagem, constitutivo do homem e da sua história.

Considera-se, para fins desta análise, que a relação entre os sistemas literários é possível através da tradução. Assim, os conceitos de tradução desenvolvidos durante os anos e a teoria do desconstrutivismo, defendida por Rosemary Arrojo, além da teoria dos polissistemas, são os temas do segundo capítulo deste trabalho.

Tendo como base para as comparações deste trabalho a partir da Memória e Subjetividade, consideradas desde os pontos de vista discursivo e literário, o terceiro capítulo trata da memória pelo viés social.

Por fim, o quarto e último capítulo traz a análise das obras no Discurso de Partida e do Discurso de Chegada, considerados e comparados, portanto, a partir das teorias citadas nos primeiros capítulos.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

1.1 Sujeito e Discurso pelo ângulo da Análise do Discurso de linha francesa

Entendendo a língua como a materialidade do discurso, a Análise do Discurso visa a apreender o discurso como processo, indagando sobre as condições de sua produção, a partir do pressuposto de que o discurso é determinado pelo tecido histórico-social que o constitui. Bem mais do que ter a noção de função de um texto, a Análise do Discurso explicita como é o funcionamento de um texto, como ele produz sentido.

Orlandi (2009, p. 58) afirma que a Análise de Discurso tem como proposta básica considerar como primordial a relação da linguagem com a exterioridade. Compreendam-se como exterioridade as chamadas condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e o contexto histórico-social (ideológico). É a partir dessa relação com a linguagem e com as condições de produção que se constitui o sentido de um texto

A Análise de Discurso introduz, por meio da noção de sujeito do discurso, também a de ideologia e a de situação social e histórica. Ao introduzir a noção de História, trará para a reflexão as questões de poder e das relações sociais. O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores, ou seja, os diferentes sentidos possíveis de um discurso. Assim, considera-se que o dito não resulta somente da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico (ORLANDI, 2009, p. 60).

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa possibilita análises, problematiza as maneiras de ler, atribuindo várias possibilidades de sentido, leva o sujeito falante e/ou o leitor a propor questões sobre o que produz e o que ouve nas diferentes situações discursivas. Busca compreender e (des)construir incessantemente o seu objeto, o discurso (PÊCHEUX, 1997a, p. 7).

Por outro lado, a AD permite perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, a sua opacidade. Igualmente nos conduz à compreensão de que não há neutralidade no uso da linguagem, nem mesmo no uso

mais aparentemente cotidiano dos signos, pois, como garante Orlandi, “a Análise do Discurso nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem” (1999, p. 9). Nesse sentido, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho com a linguagem, constitutivo do homem e da sua história.

A partir da perspectiva em que serão analisadas as obras – original e traduzida – é que serão expostas as teorias que contribuirão para a pesquisa. Inicialmente, por uma recuperação da história, destacam-se os campos de estudos constitutivos da Análise do Discurso.

1.1.1 Relembrando a teoria: Linguística, materialismo histórico, psicanálise e AD

“Mudança de terreno”¹ - foi com este intuito que o filósofo Michel Pêcheux, juntamente com o linguista Jean Dubois, no final dos anos 60, na França, instigados com a condição de que a língua não era somente uma estrutura, mas uma conjuntura de significações que são concretizadas durante um ato de comunicação, iniciaram a nova etapa nos estudos linguísticos. Ambos levariam à estruturação de um novo campo de estudos, inserido no contexto político e teórico da época.

Segundo Orlandi (2008, p. 20), é necessário considerar um contexto intelectual afetado por duas rupturas: com o progresso da linguística, não era mais possível considerar o sentido apenas como conteúdo, o que iria permitir à Análise do Discurso observar como um texto funciona e não o que o texto quer dizer. Outro fator é que, nestes mesmos anos 60, há um deslocamento no modo como os intelectuais encaram a “leitura”. Há, segundo Orlandi, “uma suspensão da noção de interpretação”. A leitura aparece não mais como simples decodificação, mas como a construção de um dispositivo teórico. Ainda, a mesma autora afirma que “a noção de “dispositivo” tem um sentido que leva em conta a materialidade da linguagem, ou seja, sua não transparência e coloca a necessidade de construir um artefato para ter acesso a ela, para trabalhar sua espessura semântica – linguística e histórica- em uma palavra” (ORLANDI, 2008, p. 21). A AD se apresenta como uma teoria que interroga a interpretação.

¹ MALDIDIER, 2003, p. 40.

Construindo um percurso sobre a fundação da AD, cabe aqui salientar que Michel Pêcheux sempre participou de debates teóricos sobre marxismo, psicanálise, epistemologia, situando-se, inicialmente, no terreno da história das ciências. Sua reflexão estava voltada às questões da época sobre as ciências humanas. O projeto de Análise do Discurso, segundo Maldidier, nasce em um contexto em que a linguística estruturalista vive em seu momento feliz e está em plena expansão. A “ciência linguística” assegura grandes avanços, principalmente pela chegada da gramática gerativa, de Noam Chomsky. Este novo tempo possibilita novas condições para novas relações teóricas, através de um pensamento “transversal”, que se designará pelo nome Análise do Discurso (MALDIDIER, 2011, p. 40-41).

Para Pêcheux, Saussure é o ponto de origem da ciência linguística. No entanto, define o discurso como uma reformulação da fala saussureana, desembaraçada de suas implicações subjetivas. Dessa forma, “tratar-se-á sempre de manter-se no ponto do encontro da *língua*, tomada na pura acepção saussureana do sistema, e de coerções irreduzíveis à ordem linguística e ao sujeito psicológico” (MALDIDIER, 2003, p. 22). Saussure integra-se à Análise do Discurso devido à presença constante da língua enquanto objeto de análise.

Outro componente importante na base teórica pecheutiana é o marxismo. Paul Henry salienta que, segundo Althusser, é tendo como referência a ideologia althusseriana que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção² (HENRY, 1997, p. 30).

A partir dos conceitos de Marx, Althusser cria sua própria teoria. Em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, em sua reflexão sobre ideologia, Althusser (1989, p. 85) aborda duas teses acerca desse conceito – segundo o autor – uma positiva e outra negativa. A primeira tese é de que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as condições reais de existência. Já a segunda, trata da materialidade da ideologia, pois para Althusser, “uma ideologia existe em um aparelho e em sua prática ou práticas. Essa existência é material” (p. 89).

Na AD, não existe discurso sem ideologia. É a partir dela que se estabelecem as marcas sociais, as condições de produção, as formações discursivas.

² Sistema de produção refere-se ao sistema de produção de sentidos.

Em meio aos acontecimentos políticos e da conjuntura teórica, marxismo e linguística presidem o nascimento da AD, constituindo-se a recém-estruturada teoria como um projeto inicialmente inscrito na política, na condição de “arma científica da linguística” que “oferece meios novos de abordar a política”, como explica Maldidier (1997, p. 18).

Influência decisiva em Pêcheux foi seu diálogo com a psicanálise, uma das constituintes de sua teoria. Nesse sentido, o sujeito, inconsciente, simbólico e imaginário, inserem-se, referindo-se principalmente à fala. O principal aliado vindo da psicanálise é Lacan, que define o inconsciente como estruturado pela linguagem. Porém, ele não tentou reduzir a psicanálise a uma espécie de análise linguística. Sobre isso, Paul Henry acrescenta:

Sua concepção de psicanálise centraliza-se sobre o fato de que se trata de uma "cura de palavra", operando exclusivamente sobre a fala (isto vai de encontro a certas tendências psicologizantes, biologizantes ou mesmo sociologizantes ou antropologizantes na psicanálise). Lacan se referiu a Saussure e Jakobson; interpretou a *Verdichtung* e a *Verschiebung*, condensação e deslocamento) freudianas em termos de metáfora e metonímia; e colocou primeiramente uma concepção do inconsciente como estruturado como uma linguagem, e do sujeito como ser de linguagem ou ser falante. Mas podemos observar que tudo aquilo que Lacan tomou emprestado à linguística (como em relação a qualquer outro campo científico) foi de fato reelaborado por ele teórica e operacionalmente. (HENRY, 1997, p. 27).

Portanto, com todas as mudanças e acréscimos de áreas distintas é que Pêcheux lança a *AAD 69 – Análise Automática do Discurso*, em que apresenta as questões fundamentais sobre textos, leitura e sentido. O discurso, para Pêcheux, atuará, a partir de então, no campo da ideologia e do sujeito. O sentido não dependerá apenas da posição em que o sujeito do enunciado está, mas acontecerá pelas significações que são concretizadas durante um ato discursivo. “É nesse momento que se ligam todos os fios constitutivos de um objeto radicalmente novo: o discurso” (MALDIDIÉ, 2003, p. 19).

Maldidier (2003) relembra que, no número 24 de *Langages*, Pêcheux ingressou na área de estudos da linguística, com o artigo intitulado “A semântica e o corte saussureano”, em que polemiza a violência em relação à linguística:

a propósito da linguística, na direção, esta vez, dos linguistas, ele perseguia as reflexões trazidas pela história das ciências e suas rupturas. Ele

intervenha pela primeira vez de forma central no campo da linguística em torno de Saussure e contra a semântica. (MALDIDIER, 2003, p. 28).

É nesta época, também, que o materialismo histórico e a teoria das ideologias fundamentam o discurso. A partir do materialismo histórico que se faz a indicação de novos objetos, neste caso o discurso, explicitamente exposto em relação à ideologia (Ibidem, p. 32).

Considerem-se ainda os conceitos básicos que Pêcheux levou em conta para a constituição da teoria do discurso, que são a Formação Discursiva, o Interdiscurso e o Intradiscurso, denominações que são detalhadas ainda neste capítulo.

Entre 1976 e 1983, a AD passa por crises e reconfigura-se. Por volta de 1980, um refluxo da conjuntura teórica invade a linguística. Após a publicação de *Les Vérités de La Palice*, Michel Pêcheux inicia a lenta desconstrução da máquina discursiva, tão bem construída. O Grupo de Pesquisa Cooperativa Programada do CNRS, juntamente com o fundador da AD, marca o ponto extremo de desconstrução, que é a reconfiguração de uma possível e nova Análise de Discurso (MALDIDIER, 2011, p. 55).

Assim, a Análise do Discurso é determinada como uma disciplina da interpretação, baseada, sobretudo, na tríplice relação entre a sistematicidade da língua, a historicidade e a interdiscursividade.

No Brasil, a consolidação da AD consiste em um avanço epistemológico e político, vias pelas quais é possível compreender a sociedade. A Análise do Discurso insere-se na conjuntura brasileira a partir do final dos anos 70, época em que começa a circular uma considerável diversidade de teorias emanadas de distintos lugares. Entre elas, destacam-se a Análise do Discurso de linha francesa, a Análise do Discurso anglo-saxã, a Análise da Conversação, a Linguística Textual e a Semiótica greimasiana. Com o aumento dessas teorias, criam-se, então, alianças e conflitos que tais correntes teóricas estabelecem entre si (SARGENTINI, PIOVEZANI, 2011, p. 11).

Cabe ressaltar que o nome Michel Pêcheux e suas contribuições fundamentais estão silenciados na França, enquanto no Brasil, como se pode observar na maioria dos textos teóricos da área, seus postulados estão sempre presentes, sendo ele o protagonista, entre os pesquisadores, dessa teoria. Segundo Ferreira (2003, p. 42), no Brasil, hoje, “para aqueles que já tiveram a oportunidade de percorrer os intrincados caminhos da análise do discurso está bem presente a marca que essa

experiência deixa no modo pensar as questões relacionadas à linguagem, ao mundo, ao sujeito. É difícil ficar imune a esse caminhar”.

Como instituição em que primeiro esta área se fez presente, a Universidade de Campinas é a precursora. Como pesquisadora, destaca-se a professora Dr^a. Eni P. Orlandi. Foi a partir do trabalho dessa pesquisadora que os estudos em Análise do Discurso se expandiram em âmbito nacional. Maria Cristina Leandro Ferreira salienta que, no Brasil, desde o início, o embate teórico se deu com a Linguística, sendo a Análise do Discurso acusada de não dar importância à língua, fixando-se exclusivamente no político. “Por essa trilha”, escreveu ela, “surgem os epítetos de ‘análise do discurso radical ou ortodoxa’ atribuídos à Análise do Discurso concebida por Michel Pêcheux” (2003, p. 42).

1.2 A língua fazendo sentido: a fundamentação pecheutiana do estudo do discurso e o sujeito constituído na ideologia

Após a recuperação da história e da atualidade da Análise do Discurso no Brasil, é imprescindível detalhar cada um dos elementos que compõem a teoria provinda de Michel Pêcheux, refletindo sobre a importância que esses elementos terão na análise objeto deste trabalho.

Assim, o estudo da linguagem pode sugerir diferentes possibilidades de interpretá-la e significá-la. Enquanto para alguns o estudo da linguagem volta-se à gramática, à estrutura da língua, a Análise do Discurso interessa-se em estudar como se constitui o significado em suas várias formas.

Eni Orlandi, tradutora da obra *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, em sua nota ao leitor, salienta que Michel Pêcheux elaborou a Análise do Discurso propondo uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajustar nas evidências e no lugar já-feito.

Pensando a questão do significado, Orlandi afirma que não se pode não estar sujeito à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Segundo a mesma autora,

a entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 1999, p. 9).

Neste sentido, sem essa relação de ingenuidade com a linguagem, é que o discurso é analisado, procurando compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (Ibidem, p. 15).

1.2.1 Efeito de sentido entre os interlocutores: conceituação de discurso

Quando se fala em discurso, logo se pensa em fala. A palavra discurso, etimologicamente, contém a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2009, p. 15).

Para romper com as ideias de Saussure, o conceito de discurso, proposto por Pêcheux e Henry, apresenta-se com o objetivo de operar um sensível deslocamento na relação de oposição entre língua e fala estabelecida pela linguística. No entanto, o discurso para a AD é a união entre o histórico e o social.

Objeto teórico da AD, o discurso se produz socialmente através de uma materialidade específica, a língua. O discurso como “a dispersão de textos e a possibilidade de entender o discurso como prática deriva da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito social e histórico com a qual a AD trabalha” (FERREIRA, 2005, p. 13). Para Pêcheux, o discurso é conceituado a partir da ideologia marxista, das formações sociais, enfatizando a relação ideologia *versus* discurso.

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social: é através da linguagem que se dá a comunicação. Explica Orlandi que “Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (1999, p. 15).

Para esclarecer a definição de discurso e entender o seu processo, Orlandi (1999) relaciona a Análise do Discurso com o esquema elementar da comunicação. Sabe-se que o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo-se a algum elemento da realidade - o referente. Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de

transmissão de informação, nem há linearidade na disposição dos elementos da comunicação. Ao invés de mensagem, o que se propõe é justamente pensar aí, na mensagem, o discurso (ORLANDI, 1999, p. 21).

Gregolin argumenta que o discurso, para Pêcheux, é diferente de *enunciado*, que é diferente de texto, que coloca o linguístico em articulação com a história (2001, p. 02). Desde a fundação da AD, o discurso é entendido como um conceito que não se confunde com o discurso empírico de um sujeito (*parole* na teoria de Saussure), nem com o texto, nem com *a função comunicacional*. A Análise do Discurso visa a apreender o discurso como processo, indagando sobre as condições de sua produção, a partir do pressuposto de que o discurso é determinado pelo tecido histórico-social que o constitui.

Assim, partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha-se a relação língua-discurso-ideologia. Por fim, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-o.

1.2.2 A formação do sujeito na AD

Em 1969, com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso*, a AD vai em busca da noção de sujeito, até então descartada pela linguística estrutural. Essa noção será encontrada, em parte, na psicanálise, distante do sujeito consciente, que se pensa livre e dono de si. Estas explicações serão explicitadas por Lacan, na psicanálise. A outra parte da noção desse sujeito desejante, sujeito do inconsciente, a AD vai encontrar no materialismo histórico, na ideologia althusseriana, o sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia (FERREIRA, 2003, p. 40).

O sujeito do discurso coloca-se na estratégica relação entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem. O que fará a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui (FERREIRA, 2003, p. 40).

Michel Pêcheux baseia-se em Althusser para a constituição do sujeito. Citando-o, Pêcheux considera a ideologia como “constituente dos indivíduos em

sujeitos” (1997a, p. 129). O sujeito é visto como um subordinado à ideologia, ele é o porta-voz dela. Assim, Orlandi (1999) ressalta que não há sentido sem interpretação, atestando a presença da ideologia, que é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. A mesma autora enfatiza que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, Michel Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito” (ORLANDI, 1999, p. 46).

Pêcheux propôs uma formulação do sujeito pela chamada “teoria não subjetiva da subjetividade”, que designa os processos de “imposição/dissimulação” que constituem o sujeito (1997a, p. 133). É neste momento que as noções de ideologia e inconsciente tornam-se essenciais para compreender a concepção de subjetividade.

Indursky salienta a ideia de que Pêcheux buscava refletir sobre a subjetividade, porém, uma subjetividade que não se centrasse no indivíduo plenamente consciente de suas motivações e propósitos. A mesma autora enfatiza ainda que “o sujeito da AD é um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Na constituição de sua psique, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia” (apud MITTMANN et al., 2008, p. 10). É desta forma que o sujeito da AD é composto e é nesta articulação que esse sujeito produz o seu discurso.

Ainda, Ferreira relembra o sujeito como o resultado da relação com a linguagem e a história, não está totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. “O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo única fonte de sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso” escreve ela (2005, p. 21). Considera-se, também, que o sujeito estabelece a relação no interior de uma Formação Discursiva, já que, como afirma Pêcheux, “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997b, p. 161).

Portanto, é pela relação entre sujeito e Formação Discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso. Pêcheux afirma que “a interpelação do

indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, 1997b, p. 163). Ainda, é a partir da forma-sujeito que a identificação do sujeito é realizada.

De forma sucinta, a forma-sujeito é responsável pela ilusão de unidade do sujeito. É pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada formação discursiva, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito.

Por fim, o sujeito é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito *de* e é sujeito *à*. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos, ele é afetado por elas. “Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos”, escreve Orlandi (1999, p. 49).

Refletindo sobre a história, a ideologia e a língua é que a análise proposta neste trabalho objetiva pesquisar os diferentes sujeitos discursivos representantes de determinadas formações discursivas presentes no *corpus* escolhido, resgatando, através da memória, os acontecimentos presentes no texto, considerando que, como aqui fica demonstrado, o sujeito da análise do discurso é aquele que carrega as marcas da sociedade, da ideologia e da história.

1.3 Pressupostos teórico-analíticos na perspectiva da Análise do Discurso

A fim de se desenvolver uma análise discursiva consistente e objetiva, é necessário entrar nos pormenores de cada um dos conceitos que integram, no caso, a sustentação teórica da Análise do Discurso de linha francesa.

Inicialmente, antes de refletir acerca da teoria, faz-se necessária a contextualização da obra *Pedro Páramo*, a base para as propostas de análise. Considere-se que entender a Formação Discursiva é de suma importância, pois é a partir dela que são determinados os fatos presentes no *corpus* escolhido. A mesma palavra pode adquirir sentidos diferentes, quando inserida em formações discursivas distintas. E palavras diferentes podem definir o mesmo objeto, dependendo da FD. Assim, as condições de produção, igualmente relevantes, devem ser analisadas, a fim de se compreender as diferentes formações discursivas e o papel que

representam na atribuição de significados distintos a cada palavra e a cada condição em que acontece uma situação discursiva.

São ainda determinantes nesta pesquisa os conceitos de Interdiscurso (memória discursiva) e de Intradiscurso. É a partir dos aspectos de memória que a obra *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, será estudada, refletindo cada uma das formações discursivas determinadas pelo Interdiscurso, pois é nele que estão contidos os dizeres que podem e que não podem ser ditos no âmbito de uma formação discursiva, como, aliás, será possível depreender das contribuições teóricas mencionadas nos próximos itens.

1.3.1 Formação discursiva e condições de produção

O conceito de Formação Discursiva, considerado básico na Análise do Discurso, inicia com Michel Foucault, na obra *A Arqueologia do Saber*, publicada inicialmente em 1969. O referido autor salienta que uma Formação Discursiva se estabelece a partir de determinadas condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma repartição dada (FOUCAULT, 1971, p. 63). Pêcheux extrai do conceito de Formação Discursiva de Foucault “o que ela tinha de materialista e revolucionário”, ou seja, a concepção de discurso como prática. Relaciona o conceito com as questões de ideologia e da luta de classes a partir das teses de Althusser, pela questão da ideologia e da luta de classes. Outro aspecto relevante é que posição-sujeito continua sendo foco, na Formação Discursiva de Michel Pêcheux.

A relação estreita com o Interdiscurso é outro fator de importância, já que, quando refere à Formação Discursiva, Pêcheux considera que:

o próprio de toda a formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “ algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1997b, p. 162).

De forma similar, Pêcheux define a Formação Discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 1999, p. 43).

Ainda,

as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a Outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. (ORLANDI, 1999, p. 44).

Assim, os sentidos dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, “é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 1999, p. 43- 44).

Considere-se, ainda, que é por meio da relação entre sujeito e Formação Discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso, ressaltando-se assim a ideia de Pêcheux, de “que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997b, p. 161).

Outro aspecto relevante a considerar é o fato de ser pela referência à Formação Discursiva que se podem compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras podem ter sentidos diferentes porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. Assim, as condições de produção devem ser analisadas com o objetivo de se compreender as diferentes formações discursivas, proporcionando significados distintos a cada palavra.

As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação discursiva. Também a memória faz parte da produção do discurso, considerada como Interdiscurso³, uma vez pensada em relação ao discurso. “A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental, Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato” (ORLANDI, 1999, p. 31). Consideram-se condições de produção a exterioridade, o contexto sócio-histórico e ideológico, que são essenciais para regular os sentidos, dar significados aos discursos.

³ Este item será abordado nas próximas páginas.

1.3.2 Interdiscurso e Intradiscurso: relações dependentes

Elemento fundamental na teoria pecheutiana e para análise proposta neste trabalho é o conceito de Interdiscurso. Tratado como a memória discursiva, possui muitas características quando se fala em discurso. É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. É o saber discursivo que retorna na forma de pré-construído, o *já dito* que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 1999, p. 31). Ainda, o Interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva:

Pelo funcionamento do interdiscurso, supprime-se, por assim dizer, a exterioridade como tal para inscrevê-la no interior da textualidade. Isso faz com que, pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, como diz M. Pêcheux (1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. (Ibidem, p. 33).

Assim, o Interdiscurso é um conjunto de enunciados que determina o que cada indivíduo fale, produza seu discurso, permitindo que o que foi dito por um sujeito específico em um momento particular se apague da memória para que, passando para o “anonimato”, possam fazer sentido as palavras ditas (Ibidem, p. 34).

O Interdiscurso é, pois, todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que é dito. Para que as palavras que são ditas tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. Orlandi complementa afirmando: “é isto o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico se apague na memória em um momento particular, para que, passando para o anonimato, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (1999, p. 33-34).

O pré-construído, como o Interdiscurso é determinado, é um dos pontos fundamentais da teoria dos discursos com a Linguística. Na AD, o pré-construído significa que já existe algo que fala antes. Sobre isso, Pêcheux salienta que o pré-construído corresponde ao “sempre-já-ai” da interpelação ideológica que fornece e também impõe “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade, considerado para o autor como “o mundo das coisas” (1997a, p. 164).

Orlandi (1999, p. 33) apresenta o que Courtine considerou sobre Interdiscurso e Intradiscurso. O Interdiscurso é onde se tem todos os dizeres já ditos – e esquecidos, determinados por um eixo vertical. O Intradiscurso – que seria o eixo horizontal -, o da formulação, aquilo que se diz num determinado momento, em condições dadas. O dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva, “O intradiscurso, enquanto fio do discurso do sujeito é um efeito do Interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ interiormente determinada como tal ‘do exterior’” (PÊCHEUX, 1997b, p. 167).

Ainda, conforme Pêcheux, a forma-sujeito⁴ tende a absorver e esquecer o Interdiscurso e o Intradiscurso, de modo que o Interdiscurso aparece como puro “já-dito” do Intradiscurso, no qual ele se articula por correferência.

A partir do fragmento seguinte de *Pedro Páramo* são expressos o Intradiscurso e o Interdiscurso. Entende-se, ainda, que a questão da memória é de grande relevância na obra trabalhada, uma vez que está presente a todo momento devido às circunstâncias em que se ambienta a narrativa:

Volvió a darme las buenas noches. Y aunque no había niños jugando, ni palomas, ni tejados azules, sentí que el Pueblo vivía. Y que si yo escuchaba solamente el silencio, era por que aún no estaba acostumbrado al silencio; tal vez porque mi cabeza venía llena de ruidos y de voces. De voces sí. Y aquí, donde el aire era escaso, se oían mejor. Se quedaban dentro de uno, pesadas⁵. (RULFO, 2008, p. 70).

Nesse trecho, há que destacar, inicialmente, o *já-dito*, o Interdiscurso presente. Na primeira frase *tal vez porque mi cabeza venía llena de ruidos y de voces* empregam-se palavras que remetem a saberes do Interdiscurso. Na menção à ‘cabeça repleta de ruídos e de vozes’, tem-se “reconstruída” a presença de uma memória discursiva, pela lembrança de fatos que ocorreram e que estão, sim, presentes na condição de um *já-dito*.

Ainda, a fim de exemplificar o Intradiscurso determinado pelo Interdiscurso, há a frase *Se quedaban dentro de uno, pesadas*. Traduzido para a língua portuguesa

⁴ Forma pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

⁵ Tornou a me dar boa noite. E embora não houvesse crianças brincando, nem pombas, nem telhados azuis, senti que o povoado vivia. E que eu escutava somente o silêncio; talvez porque minha cabeça viesse cheia de ruídos e de vozes. De vozes, sim. E aqui, onde o ar era escasso, ouviam-se melhor essas vozes. Ficavam dentro da gente, pesadas (RULFO, 2008, p. 20. Trad. Eric Nepomuceno).

como ‘Palavras carregadas ficam dentro da gente’, este é um exemplo significativo de Intradiscurso, considerado como fio do discurso, aquilo que já foi dito, o que é repetido, de acordo com a formação discursiva em que se inscreve o discurso.

Há, portanto, que salientar a importância do Intradiscurso e do Interdiscurso na pesquisa realizada, articulando-se, a partir daquele, o discurso de um sujeito, e a partir deste, a matéria linguística, ideologia do já-dito, reconhecido pelo sujeito nas diferentes formações discursivas.

1.4 Interpretação e Sentido: considerações

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...] Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso. (PÉCHEUX, 1997b, p. 53).

1.4.1 A Interpretação: a linguagem como lugar de conflitos e confrontos

A interpretação de textos é, sem dúvida, fundamental nos estudos discursivos. Segundo Orlandi (2008, p. 19), a noção de interpretação evidencia-se quando cada teoria lhe dá um sentido diferente, de acordo com os diferentes métodos aplicados. Na reflexão sobre interpretação para o campo da Análise do Discurso, busca-se compreender como de fato um texto funciona, como ele produz sentidos.

Orlandi enfatiza que a AD busca a construção de um dispositivo de interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir aquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (1999, p. 59).

Este é o objetivo da AD – buscar o sentido mais próximo ao real, levando em consideração as condições de produção, o histórico, social, o ideológico, pois a interpretação é a manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos (1999, p. 59).

Também, Orlandi destaca que é em relação à interpretação que é possível considerar o Interdiscurso (o exterior) como a alteridade discursiva "é porque há o outro nas sociedades e na história", diz Michel Pêcheux (1990), "correspondente a este outro linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar" (ORLANDI, 1999, p. 59).

A interpretação, segundo Orlandi (1999), é apresentada em dois momentos da análise:

- a) em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte de um objeto de análise, isto é, o sujeito que fala e o analista devem procurar descrever este gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise;
- b) em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a sua interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação. (ORLANDI, 1999, 60-61).

Este é, pois, o ponto importante da AD que Pêcheux, no início da teoria. O teórico buscou encontrar sentido no entremeio, como a própria Orlandi destaca, a reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito.

Portanto, interpretar na AD é dar significados aos enunciados produzidos. Em qualquer situação é preciso interpretar, atribuindo um sentido, mesmo que, conforme Ferreira "a interpretação se apaga no momento mesmo de sua realização, dando a ilusão de que é transparente, de que o sentido já existia como tal" (2005, p. 17).

Por fim, a interpretação na AD se valerá das condições de produção, tendo em vista que é a partir delas que palavras e enunciados recebem diferentes significados, dependendo, assim, dos contextos históricos, sociais e ideológicos em que cada situação de interpretação estiver inserida.

1.4.2 A materialidade do sentido

No que se refere aos sentidos, como já citado anteriormente, entra em questão a semântica, o sentido das palavras. Na Análise do Discurso, este tema

possui função crucial, já que a AD relaciona-se diretamente com a língua, funcionando para a produção de sentidos, o que permite analisar unidades além da frase, além do texto também.

Orlandi (1999, p. 17) menciona a função do sentido na Análise do Discurso, considerando que a linguagem não é transparente. Desse modo, a AD não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. É no próprio texto que linguagem produz significados. Lembre-se que o homem transforma-se em sujeito na e pela linguagem, que se inscreve na história para significar, entrelaçando-o ao sentido.

A semântica como estudo do sentido, segundo Pêcheux, relaciona-se à história e aos sujeitos. Sobre isso Pêcheux destaca que:

A língua como sistema se encontra contraditoriamente ligada ao mesmo tempo à “história” e aos “sujeitos falantes” e essa contribuição molda atualmente as pesquisas linguísticas sob diferentes formas, que constituem precisamente o objeto do que se chama a “semântica”. (PÊCHEUX, 1997b, p. 22).

Assim, o sentido de uma palavra, expressão ou um enunciado depende das condições de produção em que tais palavra, enunciado ou expressão estão inseridos. Ferreira salienta ainda que o sentido se altera dependendo da formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta: “O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido” (2005, p. 21).

Entra em questão aqui o termo “efeitos de sentido”, designação para os diferentes sentidos possíveis que um enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva em que é (re)produzido. Sobre isso, relembre-se o que Pêcheux considera sobre o discurso, por ele entendido como um efeito de sentido entre os locutores (FERREIRA, 2005, p. 14).

2 ASPECTOS LITERÁRIOS, TRADUTÓRIOS E DISCURSIVOS: DIÁLOGOS E CONTRIBUIÇÕES

2.1 Identificando a dinâmica dos polissistemas e a traduzibilidade de um texto

[...] através da língua estrangeira, renovamos nossa intimidade de amor e ódio com nossa língua materna. Dilaceramos suas juntas semânticas e sua carne sintática e ficamos ressentidos por ela não nos fornecer todas as palavras de que precisamos. (JOHNSON, 1998, p. 29).

2.1.1 Considerações sobre o texto literário: características linguísticas, semiológicas e sociológicas

A obra *Pedro Páramo* é dividida em sessenta e nove fragmentos. Atenção é o que se exige do leitor ao ler essa obra, que contém histórias que se entrelaçam e fazem do romance uma narrativa com muita simbologia. Saltos cronológicos ocorrem a todo momento no decorrer da história, que é dividida em uma primeira parte, narrada por Juan Preciado, e a segunda, em que é mais habitual a presença de um narrador em terceira pessoa.

A narrativa de Rulfo é classificada como romance, considerando o que há de mais surpreendente em relação aos aspectos históricos e sociais evidentes na obra. No romance o homem vê e se vê, há um encontro com ele próprio. Na obra estudada, é exatamente esse aspecto que está no ápice, uma vez as lutas sociais são refletidas no povo, que desumanamente sofre as consequências.

Situado o lugar de onde virá a base da análise proposta neste trabalho – a AD, entram em cena as considerações necessárias para embasar a teoria da tradução, a qual é de grande importância nos estudos literários. A tradução é extremamente necessária. Ela permite que diferentes culturas, países e idiomas tenham acesso às variadas obras literárias e científicas.

O ato de traduzir não é uma atividade de somente transpor um texto de uma língua para outra. São vários os fatores que se integram a esse ato, tal como a

ideologia, a cultura, o sistema linguístico, as variantes linguísticas. Traduzir não é, portanto, uma atividade objetiva e simples.

Inicialmente, faz-se necessário compreender o que é tradução. Conceituar a ato de traduzir será sempre um propósito complexo, pois implica a contribuição de diferentes pontos de vista, e diferentes concepções que envolvem vários autores e épocas distintas.

Cabe considerar, primeiramente, que traduzir é dizer ou escrever a mesma coisa em outra língua. A partir daí começam a surgir dificuldades inerentes ao ato da tradução, considerando-se que um texto traduzido não implica somente a transposição de palavras de um idioma a outro. Há contribuições sociológicas, ideológicas e linguísticas que influenciam nesse processo. Pensar-se em tradução pressupõe que se reflita sobre o papel do tradutor e, ainda, sobre aspectos como (re)criações de textos e (re)escrituras.

A partir dessas considerações, faz-se necessário compreender cada uma dessas variáveis. Quando o tradutor se depara com um texto a ser traduzido, nem sempre está totalmente seguro do significado de determinada palavra na língua do autor. Essa insegurança resulta do desconhecimento do tradutor sobre determinado vocábulo empregado pelo autor em determinada situação. Umberto Eco, salienta que, em certos casos, é duvidoso até mesmo o que quer dizer *dizer*” (2007, p. 9).

Na mesma linha de pensamento de Umberto Eco, Campos afirma que

se o leitor tiver a esperança de encontrar o texto original em qualquer tradução, por mais fiel que ela seja, verá frustrados os seus propósitos. Mesmo porque nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o original: é apenas uma tentativa de recriação dele. E sempre cabem outras tentativas. Pode-se dizer que, de um mesmo texto, poderão existir tantas traduções aceitáveis quantos forem os objetivos a que ele puder servir. (CAMPOS, 1986, p. 11).

Cabe aqui um breve percurso histórico da teoria da tradução visto que os objetivos e o papel da tradução são vistos, desde o início dos estudos tradutórios, como algo completo, como um produto mecanizado, no sentido de que seria algo realizado de forma automática. Atualmente, traduzir implica conhecer e transitar por várias áreas como sociologia, psicologia, antropologia, compreendendo a ideia que mais tarde será abordada por Rosemary Arrojo (2003), o desconstrutivismo⁶.

⁶ Este conceito será abordado nas próximas páginas.

A tradução é inerente a todas as línguas, uma vez que possibilita acesso a textos que, se não fossem traduzidos, não alcançariam a divulgação necessária ao reconhecimento da importância que possuem para a cultura universal. Sem serem traduzidos, muitos textos literários tampouco seriam reconhecidos como representativos de muitos sistemas literários e culturais, sem interagirem com seus similares em língua estrangeira e permanecendo restritos às suas próprias culturas. É, pois, a partir da relação com outras culturas, expressas através de seus textos traduzidos, que inicialmente a teoria da tradução surge, no Ocidente, com os romanos. Segundo Mauri Furlan (2003), no II milênio a.C., na Ásia Menor, assírios, babilônios e hititas realizavam um trabalho especializado de escritura: traduziam a correspondência oficial dos estados (FURLAN, 2003, p. 11).

Na época romana, apesar de as traduções serem feitas do grego para o latim, os romanos, embora tenham constituído sua literatura sobre modelos gregos, não tinham uma necessidade imperiosa de traduzir do grego, uma vez que sua sociedade era basicamente bilíngue. As traduções da época romana revelam antes seu interesse pelas criações literárias, pelos conhecimentos científicos de outros povos, e o desejo de cada povo era erigir sua própria literatura (FURLAN, 2003, p. 12).

Contribuições importantes, neste período, foram as de Cícero e de Homero. Cícero, em 46 a.C., oferece a primeira reflexão sobre a arte e a tarefa do traduzir, levantando o grande problema teórico que ainda domina a tradução, motivando a reflexão sobre a quem ou a que deve o tradutor ser fiel, se às palavras do texto ou ao pensamento contido nele. Segundo Furlan,

para Cícero, 'traduzir como orador' é conservar os mesmos pensamentos e suas formas e figuras, com palavras adequadas ao costume romano, sem necessidade de traduzir palavra por palavra mas mantendo o mesmo gênero (qualidade, condição, caráter). O 'intérprete', por sua vez – se deduz –, também deveria manter o conteúdo lógico do original e reproduzir com a maior exatidão possível as ideias, as figuras e a ordem expositiva. A diferença entre ambas atitudes se referiria às palavras. O intérprete traduziria palavra por palavra (*uerbum pro uerbo*), reproduzindo-as inclusive no mesmo número (*annumerare*) em que se encontravam no original. (2003, p. 17).

Já para Horácio (65-8 a.C.), que traz a sua contribuição trinta anos mais tarde que Cícero, o 'tradutor' é um elemento de comparação: o escritor, ao tratar um

assunto conhecido, não deve fazê-lo servindo-se das mesmas palavras de sua fonte, pois isso é o que faria um ‘tradutor fiel’.

A partir do século II, começam a surgir mudanças na concepção da teoria da tradução. Com a progressiva perda da língua grega, o fim do Império Romano (395) e o avanço do cristianismo, aumenta a necessidade real de traduções, já que tais escritos exigem uma ‘reprodução fiel’ dos originais.

Segundo Furlan, gradativamente vai se desenvolvendo a concepção de tradução como uma espécie de *enarratio*, em que o comentário praticamente substitui o texto original:

a tradução como uma forma de *enarratio* não é um procedimento inovador da Idade Média, mas o desenvolvimento de uma prática gramático-literária realizada desde os tempos dos romanos. A *enarratio* era em sua origem uma das duas partes da gramática – a outra era a *recte loquendi*, segundo Quintiliano (I, 4, 2) –, responsável pela seleção dos autores a serem lidos e o posterior exercício de interpretação, glosa e imitação (Lausberg 1999, §§ 16-31), uma tarefa literária sem exigências de capacidade criadora. (FURLAN, 2005b, p. 9).

Considere-se, ainda, que a tradução não significava, na Idade Média, somente trasladar um texto de uma língua a outra, mas passava pelo filtro de glosas e comentários, de uma *expositio* escolar em que muitas palavras eram explicadas mediante sinônimos, e cada passagem era analisada e, às vezes, reestruturada (Ibidem, p. 10).

Já no Renascimento, por meio de uma crescente onda de traduções e realizações específicas de algumas personalidades, começa-se a propor novas correntes estéticas e a promover o abandono ou livre exame da visão teocêntrica. Surge a demanda de traduções e aparecem as mais importantes reflexões sobre a arte de traduzir, resultado de um amadurecimento de sua concepção e prática (Idem, 2005b, p. 15).

Na modernidade, surge uma determinada expectativa em relação à nova forma pela qual a tradução seria trabalhada. Para muitos estudiosos da área, a ideia era criar um corpo de conhecimentos ou uma disciplina que pudesse, finalmente, fornecer um embasamento teórico uniforme e científico aos especialistas, além de diretrizes objetivas e um código de ética universalmente adequados a todas as traduções e a todos os tradutores (ARROJO, 2000, p. 72).

Segundo a autora citada essa modernidade representaria, assim, “a possibilidade de se superarem os eternos problemas vinculados à tarefa da tradução e à sua teimosa insistência em aviltar originais idealizados e em subverter qualquer prescrição de fidelidade” (ARROJO, 2000, p. 72).

Na modernidade, buscava-se, ainda, disciplinar a teoria da tradução, considerando-se que havia um desejo de superação da "precariedade" do que se produzia nesta área, a partir da experiência e da prática, com base num ideal de eficiência e de sistematização.

No final dos anos 40, o filósofo Andrei Fedorov lança uma representação da modernidade, através da obra *Vvdenie v teorju perevoda* (Introdução à Teoria de Tradução), publicado em Moscou, em 1953. Segundo Arrojo, o texto de Fedorov

representaria uma ruptura e uma promessa ao isolar a “operação” da tradução “para constituir o seu estudo científico (e promover uma ciência da tradução), afirma[ndo] em primeiro lugar que se trata de uma operação linguística, de um fenômeno linguístico, e considera[ndo] que toda teoria da tradução deve ser incorporada ao conjunto das disciplinas linguísticas” (MOUNIN apud, ARROJO 1975, p. 73).

A Oficina norte-americana de Tradução, na década de 60, também compõe um quadro importante na composição da teoria da tradução. O seu foco estava na equivalência estética, voltada para a forma do texto, e não para os significados. Como em todo trabalho literário há uma experiência estética fundamental, caberia ao tradutor recuperá-la na língua de chegada. Desse modo, ocorria a valorização do texto original e passava-se a entender a tradução como um processo mecanicista, voltado para a mera reprodução do texto original (LACERDA, 2011). Segundo Gentzler, nesta época, “as pessoas *praticavam*⁷ a tradução, mas nunca tinham certeza do que estavam fazendo” (2009, p. 71). Assim, uma abordagem mais sistemática da tradução era necessária, e a disciplina que parecia ter ferramentas teóricas e linguísticas pertinentes para tratar o problema era a da linguística.

Na década de 70, época em que muitas teorias da linguística estavam em plena expansão, inclusive a AD, dois modos da teoria da tradução foram predominantes: os que enfocavam os interesses literários e os que se concentravam em questões linguísticas. Os interesses literários rejeitavam as pressuposições teóricas, regras normativas, jargões linguísticos. Já os interesses concentrados na

⁷ Grifo do autor.

linguística alegavam uma abordagem “científica”, rejeitando soluções alógicas e especulação subjetiva (GENTZLER, 2009, p. 107). Os linguistas buscavam uma análise científica dos textos, o que não era aceito pelos tradutores literários.

André Lefevere integra o grupo de teóricos europeus que estabeleceram um novo paradigma para o estudo da tradução literária em meados dos anos 1970. Nesta década, os estudos da tradução estavam se configurando como uma disciplina relativamente autônoma, o que impulsionou, no mundo inteiro, as pesquisas na área e a produção de uma ampla literatura sobre o assunto. A abordagem para o estudo das traduções literárias proposta pelo grupo de teóricos de que fazia parte André Lefevere, a partir da concepção de Even-Zohar, qual seja, o da literatura como um polissistema inserido em outro maior, o da cultura, identificava-se como descritivista e se desenvolveu na segunda metade dos anos 70 (MARTINS, 2010, p. 60).

Contribuições essenciais foram as de Lawrence Venutti, um dos estudiosos mais influentes dos últimos tempos, na América do Norte. Ele critica a fundamentação humanista de grande parte da tradução literária nos Estados Unidos e mostra que ela reforça crença e ideologias domésticas predominantes. Oferece um novo conjunto de termos e métodos para analisar as traduções e apresenta uma série de alternativas que gostaria que os tradutores experimentassem.

Ainda segundo Gentzler, os estudos da tradução podem ser divididos em duas partes: a primeira refere-se aos estudos que incluíam as sementes para uma teoria abrangente, abordando fenômenos que não tinham nenhuma realização textual específica e fugiam à análise tradicional; e a segunda, referente à Teoria dos Polissistemas⁸.

Baseado em obras de James Holmes, Raymond van den Broeck e André Lefevere, já citado neste trabalho, inicialmente os estudos da tradução ganham consistência. Foi com sua obra descrevendo o processo de tradução, que descartava noções tradicionais de equivalência, que Holmes foi o responsável pela formação de uma nova teoria. Para ele, a tradução não se refere ao mesmo objeto no mundo real a que texto-fonte alude, e sim a uma formulação linguística. Mudanças na teoria defendida por Holmes são perceptíveis. Ele começa uma nova atividade de textos traduzidos com o objetivo de realizar a descrição de diversas

⁸ Este aspecto da teoria da tradução é abordado no próximo item deste trabalho.

metodologias de tradução e o modo como elas foram usadas historicamente (GENTZLER, 2009, p. 124).

Van den Broeck considera a tradução literária como uma “compreensão verdadeira” (Ibidem, p. 129). Ele desenvolveu uma teoria descritivista, que se propõe explicar e descrever soluções identificadas e não prescrever como as metáforas deveriam ser traduzidas. Ainda, Broeck, juntamente com Lefevere, deduz que “o intento do autor original e a função do texto original podem ser determinados e traduzidos por um método de tipologizar e topicalizar, para que “possua valor literário” equivalente ao texto fonte e à função” (Ibidem, p. 130).

Partindo para a segunda parte dos estudos da tradução, salienta-se a Teoria dos Polissistemas, que trabalha com complexos mais amplos que a literatura, sem, no entanto, desconsiderá-la, pois a concebe regulada por leis inteiramente diferentes daquelas que regem o resto das atividades humanas, mas como um fator integrante, muitas vezes exercendo a função dominante entre os outros. Segundo Even Zohar, da Universidade de Tel Aviv, em sua introdução à *Polysystems Theory*, tudo isso se deve ao fato de que, dentro do Formalismo Russo, a concepção de literatura sofreu uma série de modificações, passando a integrar-se em um arcabouço mais amplo de cultura (NITRINI, 2010, p. 104-105).

A partir da década de 80, os estudos da tradução passaram da teoria para o trabalho descritivo, a partir da publicação da obra *Toury*, em 1980. Um grupo definido discutia a possibilidade de melhorar os métodos para descrever a tradução literária e determinar comportamentos – normativo-cultural e tradicional. Theo Hermans é um dos principais contribuintes desta época, com a obra *The Manipulation of Literature*.

A tradução, neste período tinha um papel crucial, formal e ideológico. Segundo Gentzler, “a sociedade de classe alta se tornou mais segura durante esse período, e as traduções serviam tanto para oferecer trabalho aos subempregados como para satisfazer a demanda das classes aristocráticas de novas ideias” (2009, p. 175).

Enfim, os desconstrucionistas, dos quais fazem parte Heidegger, Foucault e Derrida, reformulam, de forma radical, as questões sobre as quais a teoria da tradução se fundamenta. “A desconstrução desafia os limites da língua, da escrita e a da leitura, apontando para o fato de que as definições dos termos usados para

discutir conceitos impõe barreiras às teorias específicas por elas descritas”, escreve Gertzler, acrescentando que

a desconstrução “usa” a tradução para questionar a natureza da língua e do “estar-na-língua” quanto para sugerir que, no processo de traduzir textos, podemos nos aproximar ao máximo daquela elusiva noção ou experiência de *différance*, que subjaz à sua abordagem. (2009, p. 184).

De outra parte, Jacques Derrida sugere que a desconstrução e a tradução estão interligadas, indicando que, no processo de tradução, a presença a que ele refere como *différance* pode ser visível. Todo escrito de Derrida, conforme o mesmo Gertzler, desenvolve-se em torno de problemas pertinentes à possibilidade ou impossibilidade de tradução: “Ele desafia o leitor (e principalmente o tradutor) a pensar e repensar cada momento em que uma solução de tradução é apresentada, um item denominado, uma identidade fixada ou uma oração inscrita” (Ibidem, p. 185).

Michel Foucault contribui com esta teoria ao recomendar que, no lugar de uma identidade originária fixa, sejam enfocadas as relações de textos com outros textos e que se veja o discurso específico de um texto e particular dentro de sua situação histórica (Ibidem, 1999, p. 188).

Martin Heidegger, em sua teoria da tradução, marca uma significativa mudança no pensamento até então proeminente na área, pois recupera uma propriedade da língua em si. Ele lida com aquilo que a língua nega e que nenhuma teoria, neste caso, aborda. Ainda, segundo Gertzler “para um novo tipo de pensamento - não pensar no ser-aí, o que é denominado, mas pensar no ser-aí que ao mesmo tempo ainda não é denominado e que nunca pode ser denominado, porque não é” (2009, p. 196).

Assim, revistas as considerações acerca da tradução e a visão de seus principais estudiosos, cabe salientar que a modernidade nos estudos da tradução se associa não apenas à possibilidade de transformar tanto a teoria quanto a prática em objetos de uma ciência idealmente isenta e puramente objetiva e, portanto, universalmente aplicável. Salienta-se que ela também se associa à suposta superioridade da teoria e dos teóricos - sobretudo da linguística e dos linguistas - em relação ao empirismo de tradutores e comentaristas comprometidos com outras áreas do conhecimento.

Segundo Arrojo (2000, p 85), o grande apelo da modernidade e suas promessas de objetividade e universalização parece ser a possibilidade de validar seus próprios pressupostos e expectativas referentes à possibilidade de significados perfeitamente estáveis e características textuais intrínsecas. “Assim, o desprezo subliminar que se pode detectar como base das atitudes que nossa cultura sempre nutriu em relação à tarefa do tradutor parece se exacerbar nas relações que as abordagens' modernas à tradução estabelecem com seu objeto de pesquisa da mesma forma que se enfatizam, entre os estudos modernos da literatura, a valorização e o prestígio que o literário e, sobretudo, o poético sempre usufruíram como símbolos do engenho humano” (Ibidem, p. 85).

Nesse sentido, ainda citando Arrojo, considera-se que a mais fiel das narrativas de que ainda dispomos para expressar nossas relações com a tradução e o desejo de que se pode, um dia, atingir a esfera divina das verdades absolutas e dos significados intrínsecos é, sem dúvida, conforme a autora, o mito de Babel, que

tão bem representa o contraste entre o desejo de atingir o divino - que nos livraria não apenas da necessidade de traduzir, mas da necessidade de qualquer linguagem - e a própria condição humana, maldição de um deus enraivecido que nos condena à diferença, matéria- prima de toda linguagem e de toda obra e tarefa humanas. Se a modernidade insiste na crença de que poderá, um dia, com sua suposta objetividade, vencer e tomar o lugar desse deus de reações tão pouco divinas, cabe à reflexão pós-moderna preparar o terreno epistemológico para que reconheçamos o humano em nosso desejo de divindade e aceitemos, conseqüentemente, a impossibilidade de sua realização e a inevitabilidade da linguagem como espaço da diferença e da história, libertando, assim, o ofício do tradutor do desprezo e da marginalidade a que sempre esteve condenado. (Ibidem, p. 85).

Quando Derrida, em *Torre de Babel*, discute a confusão linguística causada pelas muitas formas de significação presentes em "Babel", remete à dificuldade que os tradutores encontram em saber qual a significação correta e a interpretação exata das palavras de uma língua. Os questionamentos vêm à tona porque, primeiro, a tradução não é tarefa fácil e depende de vários fatores (sociais, ideológicos, históricos e culturais).

Conhecer diferentes literaturas, sistemas literários distintos, é, então, a possibilidade que a tradução busca oferecer. Na reescrita, o autor pode tomar certas liberdades autorais para realizar a sua tarefa de (re)escritor, que podem sim

estar de acordo com as ideias essenciais que o autor da obra original pretendeu abordar, sem esconder a duplicidade da autoria do texto traduzido.

De forma análoga, Rosemary Arrojo argumenta que toda tradução, por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador. Assim,

toda tradução, [...], revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e, não, meramente, uma compreensão "neutra" e desinteressada ou um resgate comprovadamente "correto" ou "incorreto" dos significados supostamente estáveis do texto de partida. Essa ligação intrínseca e inevitável que qualquer tradução mantém com uma interpretação tem criado um sério embaraço para a grande maioria das teorias de tradução, em especial para aquelas que alimentam a ilusão de chegar, um dia, a uma sistematização do processo de traduzir. (ARROJO, 2003, p. 67).

É a partir da teoria do desconstrutivismo de Arrojo, que esta pesquisa está estruturada e dialoga com a Análise do Discurso com fins analíticos e interpretativos, considerando que o texto traduzido é uma reescritura da obra original e, como mencionado, a mecanização da tradução é uma utopia.

De acordo com Hattnher,

“bom texto traduzido” aquele que motiva comentários do tipo “está tão bem escrito, tão fiel ao original, a gente nem percebe que é tradução!”, como se qualquer texto traduzido pudesse efetivamente prescindir da figura do tradutor e como se, por gestão espontânea, pudesse ser produzido sem o concurso de um profissional de tradução. (1994, p. 31).

Questionando-se o que foi mencionado na citação anterior, é cabível saber o que seria um texto fiel ao original e, igualmente, de que forma se saberia que um texto não estaria traindo sua procedência. Essas considerações podem ser respondidas a partir das funções do tradutor, tema objeto das próximas reflexões.

2.1.2 O tradutor e o ato tradutório: tradução literária ou literatura traduzida?

São compreensíveis todos os fatores que influenciam o ato tradutório: relações com a história, ideologia, conhecimentos linguísticos. Para poder se realizar uma tradução, é preciso entender o que é uma língua e o que ela comunica. Porém, é essencial o papel de quem transpõe um texto de um idioma a outro. É por esse transporte que são “carregados” todos os aspectos citados acima. É o tradutor que

faz com que a tarefa da tradução seja possível, da forma mais próxima ao texto original.

Refletindo acerca da tarefa do tradutor, salienta-se que o tradutor nada mais é do que um “reescritor”. De fato, primeiro, ao possuir um texto traduzido, o embate que surge é: quem o traduziu? De que forma foi traduzido? Isso leva em consideração os aspectos que muitas vezes permanecem despercebidos, pois, quando se lê uma tradução, tem-se a ideia de que se está lendo a obra original, ou algo próximo da original.

Para Geir Campos, tradutor é aquele que

leva o leitor de uma língua para o lado da língua do autor estrangeiro, ou, inversamente, traz o autor de uma língua estrangeira para o lado da língua do leitor. Cada um desses caminhos requer procedimentos especiais, decorrentes de uma atitude preliminar do tradutor: são dois caminhos que não se podem misturar, pois toda e qualquer mistura ou confluência há de levar a encruzilhadas onde o que se espalha é a farofa amarela das maiores confusões. (1986, p. 6-7).

A confusão entendida por Campos inicia com o mito da *Torre de Babel*, que, biblicamente, explica ter a tradução nascido de uma confusão; alguns homens queriam construir uma torre altíssima com a pretensão de por ela chegarem ao céu. Mas o projeto foi reprovado e a comunicação na Torre foi atrapalhada: as línguas foram confundidas, um sem compreender o que outro queria dizer, e a incrível construção ficou por terminar, a meio caminho do seu tão almejado objetivo.

É assim que o tradutor vê o seu percurso, pois encontra dificuldades que devem e precisam ser supridas para alcançar o seu objetivo, que é a tradução do texto e a sua complexidade. Quando se fala em obstáculos, dificuldades, estamos nos referindo à heterogeneidade linguística presente em todos os idiomas, o que torna a tradução muitas vezes impossível.

Conforme Campos, não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra, pois, a “tradução requer assim, do tradutor qualificado, um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando e aperfeiçoando de acordo com os interesses do setor a que se destine o seu trabalho” (1986, p. 27).

O que interessa a quem lê um texto traduzido é se este “reescrito”⁹ é fiel ao texto original, se corresponde ao original. Eis então outro questionamento acerca da fidelidade do tradutor ao texto traduzido. Discorrendo sobre este assunto, a boa tradução é aquela que é fiel, que corresponde em conteúdo e estrutura linguística ao texto traduzido, segundo alguns teóricos.

Segundo Johnson, “a fidelidade ao texto quer dizer fidelidade ao teor semântico, com o mínimo de interferência possível das restrições do veículo. A tradução sempre foi a tradução do significado” (JOHNSON, 1998, p. 29). É preciso que o texto traduzido tenha semelhança ao texto original; quanto mais semelhanças tiver com o texto original, melhor.

Para alguns teóricos a tradução deve ser fiel. Em contrapartida, outros autores não consideram tão importante essa questão. Através da linguagem usual, a denotativa, entendemos que fiel é quem cumpre com suas funções, com seus compromissos, cumpre o que prometeu. A partir do ponto de vista da tradução, esse conceito possui diferentes significados.

Barbara Johnson (1998) realiza uma analogia em que salienta que tanto os cônjuges como os tradutores assumiram um compromisso de amor, honra e obediência, mas ambos, inevitavelmente, traem. É esta a realidade do tradutor, um bígamo, mas com lealdades que devem permanecer no texto traduzido. Afirma ainda a mesma autora que, no campo da tradução, “é precisamente hoje que, de forma bastante paradoxal, no momento em que críticas a esse tipo de aliança dupla estão severamente explicitadas, a própria noção de fidelidade está sendo posta em questão” (1998, p. 28).

Para entender os contrapontos em relação à tradução há que se refletir acerca do significado que a palavra assume em um determinado contexto. Arrojo (2003) salienta que para Jacques Derrida a crença ocidental acredita na estabilidade do significado, o logocentrismo. Em grego *logos*, significa “discurso”, “lógica”, “razão”, “a palavra de Deus”. Segundo Arrojo, que disserta sobre essa visão,

uma das consequências mais importantes dessa concepção logocêntrica de linguagem e de realidade é a possibilidade de uma distinção clara e objetiva entre sujeito e objeto, o que autoriza a possibilidade de significados

⁹ A palavra está grifada entre aspas, pois, neste texto, é considerado que o texto traduzido nada mais é que uma reescrita da obra original.

independentes dos sujeitos que os utilizam. Essa possibilidade é também a possibilidade de um sentido "literal", inerente à palavra ou expressão, independente de qualquer contexto histórico-social e de qualquer intérprete. (ARROJO, 2003, p. 99).

Nesse contexto, a tradução é obtida sem levar em consideração os fatores externos já discutidos e a subjetividade, relacionando-a extremamente à mecanização, à objetividade do processo tradutório, perfazendo a ideia de que com os dicionários adequados é possível realizar uma tradução. Outro fator instigante é a correspondência que as línguas possuem, já que não é possível termos todas as palavras idênticas em sentido, nas várias línguas existentes.

Portanto, nessa concepção,

o que se proíbe tanto ao leitor e ao ouvinte, como ao tradutor, é a interpretação, ou seja, a interferência de seu contexto histórico-social e de sua psicologia na construção de uma leitura ou tradução. Se traduzir não envolve interpretação, se se exige do tradutor que extraia a "carga" significativa das palavras de uma língua e a insira nas palavras de outra, mantendo ambos os textos e ambas as línguas intactos, bastaria para sua formação profissional, como também intui minha aluna, apenas o domínio do maior número possível de extrações e inserções. (ARROJO, 2003, p. 101).

Arrojo defende que nenhuma tradução conseguirá manter os significados originais de um texto, pois

qualquer tradução, como qualquer leitura, inevitavelmente refletirá, além do sujeito tradutor, momento histórico e a comunidade cultural que a produziram. [...] nenhuma tradução – mesmo aquelas que pretenderem o contrário – conseguirá preservar intactos os significados originais de um texto – “técnico” ou “literário” – ou de um autor, mesmo porque esses significados serão sempre “apreendidos” ou considerados dentro de uma determinada perspectiva ou de um determinado contexto. (Ibidem, p. 103).

A partir disso, caberá ao tradutor assumir a responsabilidade pela tradução, considerados os significados que dará ao novo texto, levando em consideração o aprendizado mais amplo das tendências e características de seu tempo e, conforme a mesma autora, considerando uma leitura “aceitável da realidade”.

Em oposição ao logocentrismo, que propõe a ideia de que é *fora* do sujeito/leitor ou “receptor” que se encontra a origem dos significados, há a desconstrução da linguagem. Já citado anteriormente, Derrida aponta para a desconstrução do modelo representacional da linguagem que toma a língua como

sendo transparente, encerrada em um sistema e em uma estrutura fechada. O rompimento com o universalismo linguístico traz à tona a tradução e a impossibilidade de univocidade do nome.

Para Derrida, a tradução é concebida (1975) como transformação das línguas envolvidas na tarefa de traduzir, o que traz para a discussão a interferência do sujeito na língua, fazendo emergir o que chama de assinatura e de idioma, que poderíamos dizer que é o que há de mais “próprio” da intervenção do sujeito.

Na desconstrução, segundo Arrojo,

Sujeito e objeto são desmascarados em sua relação simbiótica: ao mesmo tempo em que o cria, a partir de seu contexto, de suas circunstâncias e de sua psicologia, o sujeito também é criado e influenciado pelo objeto. Ou seja, como uma espécie de psicanálise, a leitura desconstrutivista pretende desnudar, entre outras coisas, o desejo que se esconde por trás da necessidade de se manter objetivamente separados sujeito e objeto, homem e realidade, leitor e texto. (2003, p. 10).

A partir disso, refletindo sobre a fidelidade do tradutor, torna-se imprescindível acrescentar que a tradução não é encarada mais como simples transpositora de significados. A mesma autora salienta que

[...] nenhuma tradução pode ser exatamente fiel ao “original” porque o “original” não existe como um objeto estável, guardião implacável das intenções originais de seu autor. Se apenas podemos contar com as interpretações de um determinado texto, leituras produzidas pela ideologia, pela localização temporal, geográfica e política de um leitor, por sua psicologia, por suas circunstâncias, toda tradução somente poderá ser fiel a essa produção. De maneira semelhante, ao avaliarmos uma tradução, ao compararmos o texto traduzido ao texto “original” estaremos apenas e tão-somente comparando a tradução à nossa interpretação do “original” que, por sua vez, jamais poderá ser exatamente a “mesma” do tradutor. (ARROJO, 1993, p. 19-20).

Assim, evidencia-se que a limitação da tarefa do tradutor está na interpretação, na compreensão do que ele próprio lê na obra original. Acrescentando a isso, pela AD, somam-se ainda as manifestações ideológicas, históricas, subjetivas, que serão evidenciadas no discurso do tradutor.

2.2 Tradução: momento tensional de interação entre sistemas

2.2.1 O literário e o extraliterário na Teoria dos Polissistemas

O termo polissistema foi apresentado por Itamar Even-Zohar, em 1978, na obra *Papers in Historical Poetics* e foi considerado como um agregado de sistemas literários (GENTZLER, 2009, p. 139). Nos estudos da tradução, a união entre os sistemas literários é fundamental. É a partir daí que o ato tradutório terá seu objetivo concretizado. Na verdade, o que se espera na Teoria dos Polissistemas é a interação entre a heterogeneidade dos sistemas literários. E isso só é possível através da tradução.

Desta forma, a união entre a Teoria dos Polissistemas com a tradução foi apresentada por Zohar no Colóquio de Estudos de Tradução de 1976, na Bélgica. Este trabalho foi feito por estudiosos dos Países Baixos e de Israel, devido aos desenvolvimentos paralelos em situações históricas e sociais entre estudiosos flamengos e holandeses que tinham contatos intelectuais com os círculos literários e linguísticos alemães e checos, e, também, com os israelitas que possuíam contatos com estudiosos alemães, russos e anglo-americanos. Havia a dependência da cultura, como um todo, da tradução para fins comerciais.

Outra associação da Teoria dos Polissistemas aos estudos da tradução é a semelhança entre os dois. Segundo Gentzler,

existe uma relação lógica entre o que estava sendo sugerido nos Países Baixos e o que era postulado em Israel. Os estudiosos de Israel ampliavam os primeiros estudos da tradução, incorporando noções teóricas anteriores de equivalência de tradução e função literária em uma estrutura maior, que lhes possibilitava historicizar os textos realmente traduzidos e ver a natureza temporal de certas pressuposições estéticas que influenciam o processo de tradução. (GENTZLER, 2009, p. 130).

A partir da Teoria do Polissistemas é que os teóricos da tradução realizam a produção de tradução e a mudança dentro de todos os sistemas literários inter-relacionando-os.

2.2.2 A Teoria dos Polissistemas e a Análise do Discurso: um diálogo provável na área da tradução?

Reconhecer que a tradução está relacionada a várias disciplinas e não mais somente à linguística e relacioná-la com o sujeito, a ideologia, os fatos sociais e históricos, é o ponto de partida para o que aqui se pretende – um diálogo entre as duas teorias, a da Análise do Discurso e a dos Polissistemas.

Inicialmente, destaca-se que, para realizar uma tradução, é preciso, antes de tudo, interpretar. A interpretação é realizada pelo tradutor, que, a partir de seu conhecimento, tanto de línguas quanto de mundo, reescreve o texto na língua a ser traduzida. O processo tradutório implica conhecimentos externos, conhecimentos de mundo, já que a tradução se dá pela interpretação do tradutor.

Neste trabalho, os estudos da tradução trazem, através da AD, a reflexão sobre o funcionamento da linguagem e as questões das relações sociais e de poder, através do discurso. Sob a perspectiva da AD, a tradução pode ser vista como um processo tradutório, ou seja, um processo de produção de discurso, em que se levam em conta as condições de produção, isto é, as condições históricas de construção do sentido e do sujeito.

A AD auxilia o tradutor em seu processo complexo, ajudando-o a desfazer ambiguidades acerca do texto traduzido. Vem à tona aqui, portanto, a função da AD, que é analisar/interpretar exatamente o processo de produção de sentidos que um texto desencadeia, o “como” um texto diz o que diz.

Tradução, pelo viés discursivo, é inicialmente definida por Mittmann (2003, p. 42) como processo de produção de um discurso que se materializa no texto da tradução, e que tem como especificidade partir da leitura de um texto específico anterior, o texto original.

Neste contexto, o tradutor é evidenciado como um produtor de texto, inserido em um contexto cultural, ideológico e político, realizando o processo tradutório com os sentidos que vêm impregnados por esses fatores, sem deixá-los de lado.

A partir daí, é possível refletir acerca de uma relação entre Teoria dos Polissistemas e a Análise do Discurso. Para a AD é preciso considerar as condições de produção de sentido, que fazem parte da Formação Discursiva em que se inscreve o discurso.

Para pensar a tradução, pela AD, é preciso levar em consideração os seguintes fatores: o discurso, a ideologia, as condições de produção. A ideologia, considerada neste contexto, “atua internamente no processo tradutório e, em consequência, no discurso do tradutor, criando no e pelo discurso os efeitos de evidência, universalidade e individualidade” (ARROJO, 2003, p. 172).

A tradução também é materializada através de um sistema linguístico, o discurso produzido no processo tradutório, e além de linguístico, que é a base da tradução, também histórico. O processo tradutório é um processo discursivo, porque é um processo de produção do discurso, que envolve o linguístico e o histórico. Além disso, “é um processo de relação de sentidos, em que os sentidos são produzidos não isoladamente, mas na relação do discurso original e o discurso traduzido” (MITTMANN, 2003, p. 172).

Como já salientado, o discurso é definido como produção de sentido entre interlocutores, o que se torna contraditório em relação ao transporte, transmissão, retransmissão de informações, de mensagens, de sentidos, ou de intenções do autor, pois autor, leitor e tradutor são produtores de sentido. Nessa perspectiva, Mittmann salienta que apesar disso tudo, o tradutor não pode ser considerado um indivíduo que produz sentidos da forma que quiser. Segundo a autora,

É preciso considerar a interpelação que transforma este indivíduo tradutor em sujeito tradutor, que não está fora de seu discurso, controlando-o, mas se inscreve no discurso como uma posição-sujeito. A interpelação causa não só o efeito de reconhecimento do indivíduo como sujeito de seu discurso e do sentido como único, universal e transparente, mas também o efeito de desconhecimento do próprio fato da interpelação e dos outros sentidos possíveis que estão presentes no interdiscurso. É a interpelação – que se realiza na Formação Discursiva – que gera a ilusão de que o sujeito tradutor sabe do que fala, como deve falar e que está apenas reproduzindo os sentidos que supõe estarem contidos no texto original. Esta ilusão é necessária para que o processo tradutório se realize. (MITTMANN, 2003, p. 173).

Ainda, a ilusão citada faz com que o discurso resultante do processo tradutório seja uma possibilidade, podendo sempre tornar-se outro. Assim, outros sentidos serão produzidos, já que o discurso é o efeito de sentido entre os interlocutores e há a interpelação da Formação Discursiva.

Essa produção de sentidos é a interpretação, que é constituída pelo equivoco, pelo deslizamento. O discurso que é resultado do processo tradutório é uma possibilidade entre várias outras oferecidas pelo Interdiscurso. Em relação ao texto

original, ele é uma forma de dizer entre outras tantas possíveis, como as traduções (MITTMANN, 2003, p. 173).

Outro fator relevante é a ideologia, que, quando interpela o sujeito, gera também efeito de unidade, pelo qual se considera que o texto traduzido é uma reprodução linguística do discurso do autor original, havendo assim uma única voz. Desta forma,

A noção de posição-sujeito nos permite considerar que o discurso da tradução é constitutivamente heterogêneo, pois apresenta a posição-sujeito do autor, do tradutor e de tantas outras advindas do interdiscurso. Permite-nos ainda ressaltar que a posição-sujeito do autor é, na verdade, a imagem que o tradutor e o leitor fazem dessa posição, e que o tradutor não é um enunciador homogêneo, centralizado, mas funciona aí uma função tradutor, que é responsável pela ilusão de unidade e pelo efeito de correspondência por aquilo que considera o “seu” dizer. (Ibidem, p. 174).

Conceito fundamental no processo tradutório é o de Interdiscurso. É a partir da formação discursiva e do Interdiscurso que serão determinados os sentidos que são produzidos – e pelo Interdiscurso que impõe, como pré-construídos, seus saberes e por consequência o seu “como se diz” e “como se deve dizer”, como refere Mittmann na página citada. Complementando, ainda, Pêcheux considera a estreita relação entre Interdiscurso e Formação Discursiva:

o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (1997b, p. 162).

Nessa perspectiva, o que ocorre é a produção de um novo discurso, produzido a partir da interpelação da FD e do Interdiscurso. Há que considerar, por fim, que na tradução nada é definitivo, sempre há espaço para a resistência, o deslizamento, a fuga, o equívoco, os outros sentidos.

São todos aspectos que tornam a tradução uma atividade tão desafiadora e complexa, que depende essencialmente da capacidade humana. Se não fosse assim, a tarefa seria muito óbvia e prática, fazendo com que qualquer pessoa, tendo em mãos um dicionário ou um adequado programa de computador, pudesse ser capaz de realizar essa atividade.

3 MEMÓRIA E IMAGINÁRIO

3.1 Real, imaginário e memória discursiva: buscando “implícitos”

Lacan menciona a tríade constituída pelo imaginário, pelo simbólico e pelo real. É a partir dessa trilogia que, segundo o psicanalista, a realidade dos seres humanos é constituída. Esses três registros são sustentados pelo *Nó Borromeano*, em que os conceitos se entrelaçam, coexistem, sendo um dependente do outro.

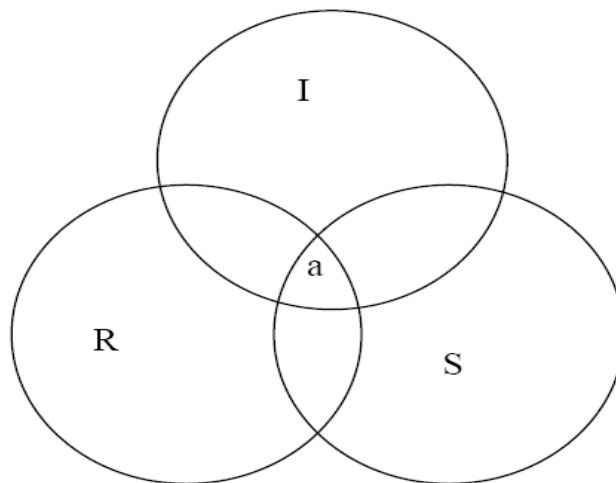


FIGURA 1 – Nó Borromeano.

A ordem simbólica é a segunda natureza de todo ser falante, pois ela está aqui, dirigindo e controlando os atos. Segundo Žižek (2010, p. 16), “é o mar que nado, mas permanece essencialmente impenetrável – nunca posso pô-la diante de mim e segurá-la”. É o grande Outro – que, segundo Nasio (2009, p. 61), é o vocábulo que recobre todas as pessoas que marcam a existência como os determinantes sociais, como influências econômicas, sociais e culturais, que condicionam – que opera no nível simbólico. Quando falamos, essa atividade é fundada em uma complexa rede de regras e outros tipos de pressupostos, que irão permitir o entendimento entre as pessoas que estão falando. Todos os “pequenos outros” nunca interagem sozinhos com outros “pequenos outros”, há sempre o “grande Outro”, que, segundo Nasio, é frágil, insubstancial, propriamente virtual:

Ele é a substancia dos indivíduos que se reconhecem nele, o fundamento de toda a sua existência, o ponto de referência que fornece o horizonte supremo de significado, algo pelo qual os indivíduos estão prontos a dar suas vidas; no entanto, a única coisa que realmente existe são esses indivíduos e suas atividades, de modo que essa substancia é real apenas na medida em que indivíduos acreditam nela e agem de acordo com isso. (2009, p. 18).

A propósito do imaginário, para Lacan, a associação deste registro é realizada pela teoria do Estádio do Espelho, uma vez que a partir da imagem a criança busca no Outro uma sensação de unidade.

Já que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é a partir dela que a existência é construída. A linguagem irá estruturar aquilo que antes não tinha sentido. O real precede a linguagem. Ele existe fora ou separado da nossa realidade.

A inscrição do real na memória é apresentada através da memória discursiva. Pelo viés da discursividade, Pêcheux (*In* ACHARD, 1999, p. 52) argumenta que a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento de ler, vem restabelecer os “implícitos” - consideram-se implícitos os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc. – de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Pêcheux enfatiza também a questão dos implícitos, buscando respostas para a sua localização. Levanta, inclusive, a hipótese de que eles nunca serão encontrados explicitamente. Haveria assim,

sob a repetição, a formação de um efeito de série pela qual a “regularização” se iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase”. (1999, p. 52).

Essa “regularização” discursiva citada acima é sempre capaz de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem, enfim, perturbar a memória, pois esta

tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento. (*Ibidem*. p. 52).

A memória, no início da teoria da Análise do Discurso, era pensada por designações distintas, mas possuidoras do mesmo efeito de sentido. Exemplos desses termos são a repetição, o pré-construído, o discurso transversal, o Interdiscurso. São diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso (INDURSKI, 2011, p. 68).

Indursky (2011, p. 72) retoma a noção de memória empregada por Courtine (1981), que se preocupa em saber como o trabalho da memória, no âmbito de uma Formação Discursiva, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também, o esquecimento desses elementos, de saber quando são formulados pelo seu sujeito no discurso. É a partir da questão da lembrança que os aspectos das obras constituintes do *corpus* foram analisados, trazendo, assim, discursos conflitantes entre o presente e o passado.

A partir desses conflitos entre o discurso presente e o discurso passado é que se passa a refletir sobre a subjetividade, sobre o sujeito discursivo, Juan Preciado, na obra de Rulfo. Este Preciado carrega consigo uma imagem do pai, Pedro Páramo. Ao longo da narrativa, porém, essa imagem que ele tem do pai é destruída, fato que o decepciona. Entretanto, mesmo fisicamente ausente, Pedro Páramo, enquanto sujeito discursivo, é um *eu*, marcado simbolicamente na memória discursiva do filho. Acrescenta-se que, sob a perspectiva da AD, a subjetividade se desloca do *eu* e passa a ser vista como inerente a toda linguagem, constituindo-se, mesmo quando este *eu* não é enunciado.

3.2 A memória social

A análise de Pedro Páramo, nesse trabalho, é, sobretudo, realizada pelo viés da memória e da subjetividade. Já situadas a memória discursiva e a subjetividade, cabe ressaltar agora o ponto de vista da memória social. Primeiramente, para que haja memória é preciso que tenham acontecimentos sociais que tenham saído da indiferença, que deixe o domínio da insignificância. A memória é aquilo que está vivo na consciência das pessoas e de uma comunidade.

Há, segundo Davallon (*in* ACHARD, Papel da Memória, p. 25), a necessidade de que o “acontecimento lembrado reencontre a sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos

diferentes membros da comunidade social”. É exatamente a partir desse fio condutor que Juan Rulfo sublinha a obra *Pedro Páramo*. Uma consequência de uma Revolução que está presente na memória de cada indivíduo que viveu isso no México, no início do século XX.

Entende-se que a memória social, é coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo. Ela é dinâmica, mutável e é importante para o grupo, pois só o que é mais importante fica gravado, registado para as gerações futuras.

A memória é um processo social e histórico, de expressões, de narrativas de acontecimentos marcantes, de coisas vividas. Nesse sentido, *Pedro Páramo*, expressa as marcas de uma sociedade antes da Revolução Mexicana e pós-revolução. Aí as histórias se entrecruzam e trazem, através dos personagens, as marcas históricas e sociais. O enredo, basicamente composto pela busca do lendário Pedro Páramo pelo filho Juan Preciado, expressa essa memória social triste, caótica e que está presente em toda narrativa.

4 TRAMAS DISCURSIVAS EM *PEDRO PÁRAMO*

4.1 Do tempo linear ao tempo metafísico: confrontando o Real e o Imaginário no Discurso de Partida e no Discurso de Chegada

Hay aire y sol, hay nubes. Allá arriba un cielo azul y detrás de él tal vez haya canciones; tal vez mejores voces... Hay esperanza, en suma. Hay esperanza para nosotros, contra nuestro pesar. (RULFO, 2003, p. 86).

4.1.1 Juan Preciado e Pedro Páramo: a ausência paterna na construção da subjetividade do filho

Reconhecer o pai de Juan Preciado e descobrir seu paradeiro é, desde o início da trama, o enfoque principal da obra *Pedro Páramo*. Inquietas pelo sofrimento gerado por uma revolução que durou cerca de dez anos (1920-1930), as populações rurais e da cidade do México, que padeciam com condições de fome e de miséria devido à perda da colheita de milho, aliaram-se a grupos opositores e derrubaram a ditadura.

Os temas que Rulfo abordava continuavam aparentemente na moda regionalista, se consideradas as mudanças sócio-históricas que se operavam na época, consequências da Revolução Mexicana, que pôs fim ao governo de Porfírio Díaz (1876-1910), regime conhecido como *porfiriato* e que já não atendia às necessidades de grupos poderosos surgidos durante aquele período ditatorial.

O México “resignado”¹⁰ vive de angústias, doenças, mortes. Em *Pedro Páramo*, já nas primeiras linhas, observa-se a angústia causada pela falta e o desejo de reencontro, de reconciliação do filho, Juan Preciado, com o pai, Pedro Páramo. A mãe de Juan Preciado está à beira da morte, muito doente. Em seu leito, faz um último pedido ao filho:

¹⁰ Grifo meu. O uso desse adjetivo em destaque deve-se às condições em que a população mexicana se encontrava na época: conformada com as injustiças sofridas.

RD1

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
<p>- No vayas a pedirle nada. Exígele lo nuestro. Lo que estubo obligado a darme y nunca me dio... El olvido en que nos tuvo, mi hijo, cóbraselo caro.</p> <p>- Así lo haré, madre.</p> <p>Pero no pensé cumplir mi promesa. Hasta que hora pronto comente a llamarme de sueños, a darle vuelo a las ilusiones. Y de este modo se me fue formando un mundo alrededor de la esperanza que era aquel señor llamado Pedro Páramo, el marido de mi madre. Por eso vine a Comala. (RULFO, 2008, p. 65)</p>	<p>- Não peça nada a ele. Exige o que é nosso. O que ele tinha de ter me dado e não me deu nunca... O esquecimento em que nos deixou, filho, você deve cobrar caro.</p> <p>- Vou fazer isso, mãe.</p> <p>Mas não pensei em cumprir minha promessa. Até que agora comecei a me encher de sonhos e a soltar as ilusões. E assim foi se formando em mim um mundo ao redor da esperança que era aquele senhor chamado Pedro Páramo, o marido da minha mãe. Por isso vim a Comala. (NEPOMUCENO, 2008, p. 15).</p>

Neste primeiro Recorte Discursivo - RD, é perceptível, na sequência *No vayas a pedirle nada. Exígele lo nuestro*, o discurso autoritário da mãe, representativo da formação discursiva familiar tradicional, na formação do caráter do filho. Os verbos no imperativo, empregados na forma negativa e afirmativa - *No vayas, exígele, cóbraselo* - intensificam a ordem, o mandato, a autoridade exercida pela mãe junto ao filho. Percebe-se a influência da mãe repercutindo no comportamento do filho, que tem necessidade de um reencontro com o pai. Vivendo nas condições de quase morte por doença, o discurso materno soa enfático, seguro, imperativo.

Como já mencionado, neste RD, que introduz a narrativa, a *falta* do pai de Juan Preciado é fato que lhe traz lembranças e gera necessidade de reencontro, reaproximação. Após todas as transformações sociais existentes naquela época, em que muitas famílias foram abandonadas, fatos como este narrado por Rulfo eram comuns. Porém, como bem se observa na narrativa, Pedro Páramo, além de ter abandonado a família, foi um inescrupuloso matador.

Os sentidos produzidos neste RD inscrevem-se como próprios da Formação Discursiva – FD – familiar tradicional, constituída consoante o contexto sócio-histórico da época e ainda remanescente, em que nas relações familiares o poder é exercido de forma piramidal, com o discurso paterno e/ou materno ocupando o ápice da pirâmide. A Formação Discursiva se relaciona com a Formação Ideológica – FI. Uma FI é definida por Pêcheux e Fuchs, em Gadet; Hak (1993, p. 166), como “um conjunto complexo de representações que não são nem ‘individuais’ nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito

umas com as outras”. Por esse viés, cabe considerar que as manifestações expressas neste RD remetem a conflitos gerados pelo contexto histórico, marcado por uma história de domínio dos fazendeiros, do capital urbano e do capital estrangeiro e de submissão indígena, camponesa, operária, submissão nacional.

Ainda, as Condições de Produção – CP – determinam-se por apresentar todas as dificuldades e amarguras já expressas acima. O momento em que viviam coincide com fase de vida em que a mãe de Juan Preciado se encontrava, representa um discurso marcado pela necessidade de recuperação do afeto, do amor, da participação de um pai, da presença paterna que o filho não teve durante toda a vida.

Porém, mesmo prometendo à mãe moribunda que cumpriria sua vontade, logo a seguir, pelo registro de seu pensamento em discurso indireto, fica explicitada a decisão do sujeito discursivo João Preciado de não cumprir a promessa recém-feita. As marcas que conduzem a essa conclusão são os usos de conjunções e negações como *pero*, *no* e o uso da forma verbal *pensar* - *pensé* - no pretérito indefinido do modo indicativo, que expressa uma ação realizada e acabada no tempo passado. Neste modo verbal, são indicadas relações de certeza, de verdades objetivas. Nesse sentido, há um sujeito clivado ou fragmentado, vivendo entre o imaginário e a realidade.

Porém, nessa RD, o *afeto* entre mãe e filho se sobressai. Em seu mundo cercado de ilusões, há a necessidade de realizar o desejo da mãe, que é reencontro de seu filho com o pai. Note-se igualmente que há uma relação de distanciamento do filho com relação ao pai, que se evidencia pelo uso do pronome demonstrativo *aquel*. Preciado não o identifica como *mi padre*, mas como *el marido de mi madre*.

Na tradução deste recorte, que remete à subjetividade do sujeito discursivo – SD -, na Língua de Chegada – LC -, há várias alterações na sintaxe. Inicialmente, na primeira oração, *No vayas a pedirle nada*, o tradutor escolhido para esta análise utiliza verbos na forma simples, diferentemente da obra original em que é utilizado o verbo na forma composta *No vayas a pedirle*. É utilizado o verbo *exígele* – o que na LC seria traduzido como *Exige-lhe*. Porém, o tradutor optou por utilizar o imperativo sem empregar o pronome *lhe*, que fica subentendido pelo uso da desinência número-pessoal, terceira pessoa do singular.

Lo que estuvo obligado a darme y nunca me dio é traduzido como *O que ele tinha de ter me dado e não me deu nunca*. A tradução não evidencia o adjetivo

obligado, presente na obra original, em espanhol. O uso deste adjetivo na obra original deixa vaziar na fala da mãe de Juan Preciado uma mágoa que é sentida desde o tempo em que foi abandonada por Pedro Páramo, tempo este que, pelo decorrer da narrativa, entende-se como sendo a época em que teria engravidado de Juan Preciado.

A utilização do verbo *fazer* (*farei*) em *Así lo haré* é traduzido da LP como *Vou fazer isso, mãe*. Novamente, o uso da forma composta do verbo na LC remete à informalidade que, de fato, existe entre mãe e filho.

Ainda com respeito à construção da imagem do pai diante do filho, o seguinte RD remete à figura da mãe, com um sentimento profundo de perda e desolação:

RD2

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
<p>Allí estaba su madre en el umbral de la puerta, con una vela en la mano. Su sombra descorrida hacia el techo, larga, desdoblada. Y las vigas del techo la devolvían en pedazos, despedazada.</p> <p>- Me siento triste -dijo.</p> <p>Entonces ella se dio vuelta. Apagó la llama de la vela. Cerró la puerta y abrió sus sollozos, que se siguieron oyendo confundidos con la lluvia.</p> <p>El reloj de la iglesia dio las horas, una tras otra, una tras otra, como si se hubiera encogido el tiempo. (RULFO, 2008, p. 77).</p>	<p>Lá estava sua mãe no umbral da porta, com uma vela na mão. Sua sombra escorrida rumo ao teto, longa, estendida. E as vigas do teto a devolviam os pedaços, despedaçada.</p> <p>- Estou triste – disse.</p> <p>Então ela se virou. Apagou a chama da vela. Fechou a porta e abriu seus soluços, que continuaram sendo ouvidos confundidos com a chuva.</p> <p>O relógio da igreja badalou as horas, uma atrás da outra, como se o tempo tivesse encolhido. (NEPOMUCENO, 2008, p. 27).</p>

Neste RD, a FD familiar é representada pela ‘presença’ discursiva da mãe de Juan Preciado já depois da sua morte e dá o embasamento para reconhecer o seu discurso. Ainda inconformada com as circunstâncias da sociedade afetada por iniquidades, o discurso enfatiza as Condições de Produção a que o sujeito-discursivo mãe está submetido. Neste caso, entende-se que as CP revelam o discurso mórbido, triste, desolado da mãe de Juan Preciado. *Me siento triste – dijo* já é o primeiro fragmento em se que revela a tristeza, marcada pelo uso explícito do adjetivo *triste*.

O cenário que a narrativa vai construindo também revela, nem tão explicitamente, a referida tristeza com a seguinte frase: *Entonces ella se dio vuelta. Apagó la llama de la vela. Cerró la puerta y abrió sus sollozos, que se siguieron oyendo confundidos con la lluvia*. Neste trecho, o soluço do choro é comparado à

chuva, tendo o autor usado de um recurso sonoro, o barulho da chuva, para evidenciar a grandeza da decepção e do sentimento de desalento, a consternação. As CP auxiliam, desta forma, a compreender o sentido do discurso do sujeito, que, neste trecho, está presente na figura da mãe de Juan Preciado. Cabe salientar que as CP levam em consideração o contexto da comunicação e o contexto histórico-social (ideológico). Essas condições estão representadas por formações imaginárias: a imagem que o falante tem de si, a que tem do seu ouvinte, etc.

A informação *Allí estaba su madre en el umbral de la puerta, con una vela en la mano* é traduzido ao português como *Lá estava sua mãe no umbral da porta, com uma vela na mão*. O advérbio de lugar *allí* é usado, geralmente, para se referir a algo próximo, porém, com relativo distanciamento. A tradução para a LC é realizada com o uso do advérbio *Lá*, o que distancia ainda mais a personagem da cena em que participa.

Me siento triste - dijo. Este fragmento apresenta a seguinte tradução: *Estou triste – disse*. Analisando-se o emprego dos verbos, na LP, o verbo *sentir* se apresenta com uma subjetividade ainda mais profunda, já que a semântica do verbo *sentir* remete a algo notadamente físico, ou seja, uma sensação física, diferentemente da LC, em que o tradutor optou por utilizar o verbo *estar*, retratando um estado de ânimo, uma das funções do verbo, obtendo um resultado não tão profundo e sentimental como o uso do verbo *sentir* imprime na LP.

4.1.2 Da memória imaginada ao real inapreensível: considerações literárias e discursivas

É através de livros, imagens, filmes, obras de arte que recuperamos a memória social de um determinado local. Não por acaso, a obra de Rulfo contém um registro imensurável de memória, apresentando as mais variadas recordações. A memória nesta narrativa é a todo momento apresentada através de vozes. A dubiedade que esta obra apresenta é causada justamente pelo fato de não identificar nos personagens se existe vida terrena ou são apenas sons vocais que perambulam em toda Comala. No próximo RD, é possível perceber as vozes que representam os mortos que viviam ali e que, pelos fatos históricos e sociais, acabaram perecendo.

RD3

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
<p>- ¿ No me oyes? - pregunté en voz baja. Y su voz me respondió: - ¿Dónde estás? - Estoy aquí, en tu pueblo. Junto a tu gente. ¿No me ves? - No hijo, no te veo. Su voz parecía abarcarlo todo. Se perdía más allá de la tierra. - No te veo. (RULFO, 2008, p. 116).</p>	<p>Está me ouvindo? - perguntei em voz baixa. E sua voz me respondeu: - Onde você está? - Estou aqui, no seu povoado. Com a sua gente. Não está me vendo? - Não filho, não vejo você. Sua voz parecia cobrir tudo. Perdia-se mais além da terra. - Não vejo você. (NEPOMUCENO, 2008, p. 68).</p>

A voz presente neste recorte é da mãe de Juan Preciado, que tenta se comunicar com o filho. A não visualização da mãe, expressa pelo trecho *¿No me ves? - No hijo, no te ve*, exalta o que, desde o início da obra, é narrado por Rulfo. A dubiedade em relação à existência de vida e um mundo misterioso são apresentados. Existe ainda a influência de uma memória no discurso, a memória discursiva que, revisitando o campo teórico da AD, é o Interdiscurso, que fala antes, em outro lugar, que se apropria da memória que se manifesta em diferentes discursos, de formas diferentes. Presume-se, pela leitura desse RD, que teria sido feito pela mãe o reconhecimento de seu filho, e seria dela, vivo em seu discurso, o desejo de encontrá-lo, mesmo já estando morta.

Há, ainda a presença do imaginário social, quando a mãe diz que “Estoy aqui, en tu pueblo”. Há a não presença física da mãe. Porém, através das vozes, ela é encontrada mediante o que aquele lugar representava em seu imaginário.

Compreender essas vozes no contexto da obra requer muita reflexão, pois, além de todo mistério, há uma grande simbologia na obra em análise. Na edição de *Pedro Páramo*, utilizada para este estudo, fica evidente que, quando Juan Preciado percebe que está em um mundo de mortos, o terror se apodera dele e ele acaba morrendo. Todas as vozes escutadas são de histórias que recriaram o passado de Comala, contendo uma tentativa de recriar um mundo em que Preciado pudesse encontrar-se, mesmo simbolicamente, com seu pai.

Quanto à transposição do texto na língua de partida para o texto na língua de chegada, no início do RD há a seguinte expressão: *¿ No me oyes?*. Este mesmo trecho é traduzido como *Está me ouvindo?* Percebe-se na tradução a não utilização do advérbio de negação *não*. A ideia de não ouvir pode ser entendida como alusão a algo de que já se tenha uma resposta, mesmo que negativa, já que está expressa

pelo advérbio. Comumente, na Língua Portuguesa, quando as perguntas são realizadas desta maneira, a resposta será de acordo com o que foi perguntado, inserindo-se assim um advérbio de negação. Porém, o que ocorre na LC é a retirada desse advérbio, utilizando somente um verbo no presente do indicativo.

Outra questão sempre adequada a cada situação é o uso de pronomes de tratamento. - *No hijo, no te veo*. Que pronomes utilizar depende do uso que cada idioma lhes atribui. Esse fragmento é traduzido como *Estou aqui, no seu povoado. Com a sua gente. Não está me vendo?* Como se sabe, a tradução é, na verdade, a reescritura de outro texto e, portanto, são necessárias adaptações. Na língua espanhola falada na América hispânica, uma das marcas da informalidade é o uso do pronome pessoal *tú. Usted*, que caracteriza a terceira pessoa do singular, refere-se a você, senhor, senhora e então já se está falando em marcas formais do uso da língua. Mesmo buscando manter as características da obra original, os tradutores optam por realizar as adaptações de acordo com a realidade e com o uso da língua em suas mais variadas formas. Na tradução, é usado o pronome *você*, que, de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa, refere-se a terceira pessoa (ele).

Descrevendo o lugar onde possivelmente viveu por muito tempo, no RD a seguir, faz-se a reprodução da memória de Dorotea, mulher com quem Juan divide a tumba. É ela quem conta todos os murmúrios e as vozes e escuta o relato das histórias de Pedro Páramo, pai de Juan Preciado. Esse RD leva a um passado que contém sentimentos de alegria, mas também uma melancolia profunda:

RD4

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
<p>Allá hallarás mi querencia. El lugar que yo quise. Donde los sueños me enflaquecieron. Mi pueblo, levantado sobre la llanura. Lleno de árboles y de hojas, como una alcancía donde hemos guardado nuestros recuerdos. Sentirás que allí uno quisiera vivir para la eternidad. El amanecer; la mañana; el mediodía y la noche, siempre los mismos; pero con la diferencia del aire. Allí, donde el aire cambia el color de las cosas; donde se ventila la vida como si fuera un murmullo; como si fuera un puro murmullo de la vida. (RULFO, 2008, p. 117-118)</p>	<p>Lá você vai encontrar a minha querência. O lugar que eu amei. Onde os meus sonhos emagreceram. Meu povoado, levantado sobre a planície. Cheio de árvores e de folhas, como um cofre onde guardamos nossas memórias. Você vai sentir que ali a gente gostaria de viver para a eternidade. O amanhecer; a manhã; o meio-dia e a noite, sempre os mesmos; mas com a diferença do ar. Lá, onde o ar muda a cor das coisas, onde a vida se ventila como se fosse um murmúrio; como se fosse um puro murmúrio da vida... (NEPOMUCENO, 2008, p. 70)</p>

O lugar em que Dorotea vivia é descrito com detalhes que, de certa forma, apresentam um mundo que parece ser mágico. Porém, ao mesmo tempo em que exalta a terra amada, a descrição traz consigo a melancolia. O discurso proferido por Dorotea, neste trecho, está totalmente estruturado na memória. Entende-se que, para que haja memória, segundo Jean Davallon (1999, p. 25), “é preciso que acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”, ou seja, memória é representar o que ainda está vivo para um determinado grupo social. Assim, no trecho *El lugar que yo quise. Donde los sueños me enflaquecieron*, há a lembrança do local onde Dorotea viveu. As imagens, as descrições fazem com que a memória se apresente como viva na lembrança da personagem. A referência à melancolia está evidenciada quando a personagem salienta que *los sueños me enflaquecieron*, ou seja, tornaram-na fraca, “acabaram-na”.

Sentirás que allí uno quisiera vivir para la eternidad é um trecho que, possivelmente, reproduz um desejo inalcançado e ainda latente, possível de ser reencontrado no local em que viveram. Com o fim da Revolução Mexicana, as cidades cresceram devido à industrialização, mas as zonas marginais permaneceram existindo. A Revolução não solucionou os problemas do povo campestre, fato que Rulfo descreve em toda obra, recuperando, assim, um sentimento de engano percebido pelo povo do campo. Por essas Condições de Produção, é provável que a personagem criada por Rulfo tenha se referido à saudade da terra que fez parte de sua vida.

É a partir da memória que construímos a imagem que Dorotea tem de Comala, a terra em que vivia. É por seu discurso que se percebe um certo abandono, é pela descrição dos fatos que a imagem da terra é criada, como se pode observar no trecho *Allí, donde el aire cambia el color de las cosas; donde se ventila la vida como si fuera un murmullo; como si fuera un puro murmullo de la vida*.

Quanto à transposição dos fatos da LP para a LC, percebe-se já na primeira linha deste RD o uso dos verbos. Em espanhol, há a presença do verbo *hallar* (*hallará*, no futuro simples do Modo Indicativo) que significa *achar*, e é transposto para o português na forma composta, *vai encontrar*, o que denota simplificação e informalidade na fala.

El lugar que yo quise é traduzido como *O lugar que eu amei*. Neste caso, há uma variação quanto ao uso da língua. Querer, em espanhol, significa desejar, amar, o que em português é usualmente utilizado como desejar.

Ainda, no trecho *Mi pueblo, levantado sobre la llanura*, a palavra *pueblo* pode ser traduzida como *povo* ou também *povoado*. Na tradução, o tradutor optou por utilizar a palavra *povoado*, que remete a um grupo determinado de pessoas ou seres vivendo em determinado lugar. A aceção escolhida, no entanto, não expressa em português a carga afetiva com que a palavra *pueblo* (povo) se harmoniza semanticamente com a íntegra do texto na língua de partida.

4.2 Comala, universo especular de um imaginário individual e coletivo do continente ibero-americano

Este pueblo está lleno de ecos. Tal parece que estuvieran encerrados en el hueco de las paredes o debajo de las piedras. Cuando caminas, sientes que te van pisando los pasos. Oyes crujidos. Risas. Unas risas ya muy viejas, como cansadas de reír. Y voces ya desgastadas por el uso. Todo eso oyes. Pienso que llegará el día en que estos sonidos se apaguen. (RULFO, 2008. p. 101).

4.2.1 A memória e a identidade discursiva em Juan Preciado

Durante toda a obra, Juan Preciado busca construir uma imagem de seu pai. Desde a morte de sua mãe, tenta cumprir a promessa feita, porém, com muita dificuldade. Aos poucos, Juan Preciado vai construindo uma identidade que o revela como um homem de coragem e que luta por aquilo que almeja, mesmo que, muitas vezes, não procurasse mais saber da real identidade do pai. Juan Preciado, no início da história, já percebe que também está morto e divide sua tumba com Dorotea, mulher que narra os fatos e interpreta as vozes:

RD5

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
– ¿Cómo dice usted que se llama el pueblo que se ve allá abajo?	- Como é que o senhor disse que se chama o povoado que se vê lá embaixo?
– Comala, señor.	- Comala, senhor.
– ¿Está seguro de que ya es Comala?	- Tem certeza de que já é Comala?
– Seguro, señor.	-Tenho, sim senhor.
– ¿Y por qué se ve esto tan triste?	-E por que isto parece tão triste?

<p>– Son los tiempos, señor. Yo imaginaba ver aquello a través de los recuerdos de mi madre; de su nostalgia, entre retazos de suspiros. Siempre vivió ella suspirando por Comala, por el retorno; pero jamás volvió. Ahora yo vengo en su lugar. Traigo los ojos con que ella miro estas cosas, porque me dio sus ojos para ver. (RULFO, 2008, p. 66).</p>	<p>- São os tempos, senhor. Eu imaginava ver aquilo através das recordações da minha mãe,; da sua nostalgia, entre fiapos de suspiros, Ela viveu sempre suspirando por Comala, pelo regresso; mas jamais voltou. Agora, venho eu em seu lugar, Trago os olhos com que ela viu estas coisas, por que me deu olhos para ver. (NEPOMUCENO, 2008, p. 16).</p>
---	---

As lembranças de fatos sobre a infância e o pedido da mãe constroem aos poucos a identidade do discurso que Juan Preciado apresenta. Com o objetivo de afirmar que estava ali, pois sua mãe havia lhe falado o que acontecera com seu pai, ele já apresenta o trecho em que relata o desejo da mãe de voltar para Comala, lugar que, supostamente, antes da Revolução Mexicana, seria um bom povoado, com os campesinos que ali viviam: *Yo imaginaba ver aquello a través de los recuerdos de mi madre; de su nostalgia, entre retazos de suspiros*. A memória presente ajuda a construir a imagem que ele tinha do local.

Pelos fatos que sua mãe deveria falar, para Juan Preciado Comala não poderia ser aquele local, pela tristeza representada, como pode se observar em: – *.Y por que se ve esto tan triste? – Son los tiempos, señor*. São esses outros tempos pós-revolução, que marcam e fazem a diferença na obra e, a partir daí, a narração se converte na história de Comala e na recordação do passado da cidade em seu presente de ruínas.

Na tradução, é notável a diferença entre as línguas e seus usos. No fragmento – *.Esta seguro de que ya es Comala? – Seguro, señor* é traduzido como - *Tem certeza de que já é Comala? -Tenho, sim senhor*. Na LP seguro é estar convicto de alguma coisa, o que na LC é usualmente e comumente utilizado com a expressão *tem certeza*. Na verdade, a semântica desse trecho não se altera, somente ocorrem adaptações da língua espanhola, sendo ela usualmente padrão, para a linguagem mais cotidiana da língua portuguesa, porém ser perder o padrão gramatical da língua portuguesa.

No próximo recorte, as vozes perturbam Juan Preciado que ainda não consegue identificar quem são elas.

RD6

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
---------------------	---------------------

<p>Llegué a la plaza, tienes tú razón. Me llevó hasta allí el bullicio de la gente y creí que de verdad la había. Yo ya no estaba muy en mis cabales; recuerdo que me vine apoyando en las paredes como si caminara con las manos. Y de las paredes parecían destilar los murmullos como si se filtraran de entre las grietas y las descarapeladuras. Yo los oía. Eran voces de gente; pero no voces claras, sino secretas, como si me murmuraran algo al pasar, o como si zumbaran contra mis oídos. (RULFO, 2008, p. 118).</p>	<p>Cheguei na praça, você tem razão. Fui levado até lá pelo alvoroço das gentes e achei de verdade que havia gente. Eu já não estava muito em meus eixos; recordo que vim me apoiando nas paredes como se caminhasse com as mãos. E os sussurros pareciam destilar das paredes, como se se filtrassem entre as gretas e os descascados abertos no reboco. Eu os ouvia. Eram vozes de gente; mas não vozes claras, e sim secretas, como se murmurassem alguma coisa ao passar, ou como se zumbissem contra os meus ouvidos. (NEPOMUCENO, 2008, p. 70).</p>
--	---

A memória remetida neste RD refere-se ao início da narrativa, em que Juan Preciado vai para uma praça e acredita que, em meio à multidão o medo de tudo o que estava acontecendo diminuiria. Essa não identificação, esse mistério é apresentado no seguinte trecho *Y de las paredes parecían destilar los murmullos como si se filtraran de entre las grietas y las descarapeladuras*. Estão, de certa forma, empregadas nessas vozes e nesse acontecimento, as dificuldades de compreensão de entendimento do *eu* de Juan Preciado, que não consegue entender tudo o que acontece ao seu redor.

Esse mesmo trecho citado acima é traduzido como *E os sussurros pareciam destilar das paredes, como se se filtrassem entre as gretas e os descascados abertos no reboco*. Aqui, há muitas adaptações na tradução de uma língua para outra. A frase *Y de las paredes parecían destilar los murmullos* é inversamente empregada como *E os sussurros pareciam destilar das paredes*, o que não compromete o sentido da frase. Também, expressões como *Yo ya no estaba muy en mis cabales* é traduzido a partir de um ditado popular brasileiro, que se encaixa à realidade da LC: *Eu já não estava muito em meus eixos*.

Eran voces de gente; pero no voces claras, sino secretas, como si me murmuraran algo al pasar, o como si zumbaran contra mis oídos expressa, por fim, um mundo de dúvidas, de incertezas, de nebulosidade.

4.2.2 Interdiscurso, intradiscurso e forma sujeito na LP e na LC - memória social e subjetividade na América “invisível” de Pedro Páramo

Submissão e conformidade são perceptíveis no próximo RD, em que Rulfo narra a passagem de um circo por Comala, representando mais um efeito da Revolução:

RD7

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
<p>Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras. Músicos. Se acercaban primero como si fueran mirones, y al rato ya se habían avecinado, de manera que hasta hubo serenatas. Y así poco a poco la cosa se convirtió en fiesta. Comala hormigueó de gente, de jolgorio y de ruidos, igual que en los días de la función, en que costaba trabajo dar un paso por el pueblo. (RULFO, 2008, p.171).</p>	<p>Sabe-se lá de onde, o fato é que um chegou um circo, trazendo acrobatas e trapezistas. Músicos. Primeiro se aproximavam como se fossem curiosos, e num instante já tinham se transformado em vizinhos, de maneira que houve até serenata. E assim, pouco a pouco a coisa se transformou em festa. Comala formigou de gente, de festança e de ruídos, igual que nos dias da quermesse, quando dava trabalho dar um passo pelo povoado. (NEPOMUCENO, 2008, p. 129).</p>

Mais uma vez há no texto de Rulfo o registro do reflexo da desolação da população mexicana. Neste fragmento *Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras* presume-se que o circo chega à Comala sem qualquer motivo, sem ninguém entender o porquê. A expressão *Quién sabe* denota certo desinteresse por aquilo que acontece no contorno de onde vivem.

Compreende-se que é pelo Interdiscurso que se determina o que pode e o que não deve ser dito em uma determinada Formação Discursiva. Assim, pela leitura deste RD, deduz-se que, com pouco, é possível contentar a todos. Porém, ao mesmo tempo em que existe este contentamento, também há, na FD em questão, os problemas sociais impregnados no discurso. Um exemplo é *Y así poco a poco la cosa se convirtió en fiesta*, fragmento que pode ser lido como uma constatação de que os indivíduos acabam por encontrar formas de alienarem-se dos problemas cotidianos, passando a viver, a exaltar os momentos de festa.

Na perspectiva tradutoria, a primeira frase traz um problema estrutural no trecho. Na frase *Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras* a palavra *pero* é substituída pela expressão *o fato é*. No espanhol, *pero* é uma expressão que denota contradição, um valor contraditório. Já a tradução à LC, foi utilizada a expressão *o fato é*, trazendo um valor afirmativo para a frase, alterando assim a estrutura frasal, mas sem alterar-lhe o valor semântico.

Também, a expressão verbal *Habían avvicinado* é traduzida como *já tinham se transformado em vizinhos*. O que se destaca aqui é a estrutura da frase, uma vez que na língua espanhola um verbo auxiliar e um particípio foi reestruturado com uma frase, que poderia ter sido traduzida de forma mais direta, como, por exemplo, *logo se tornaram vizinhos*.

Complementando o RD anterior, o próximo recorte apresenta uma metáfora em relação à vida:

RD8

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
Las campanas dejaron de tocar; pero la fiesta siguió. No hubo modo de hacerles comprender que se trataba de un duelo, de días de duelo. No hubo modo de hacer que se fueran antes, por el contrario, siguieron llegando más. (RULFO, 2008, p.171).	Os sinos deixaram de tocar; mas a festa continuou. Não teve como fazer o pessoal compreender que se tratava de um luto, de dias de luta. Não houve como fazer com que se fossem; pelo contrário, continuou chegando mais e mais gente. (NEPOMUCENO, 2008, p.129)

Os dias de dor foram substituídos pela alegria do circo. A vida humana é descartada simplesmente, ignorando as adversidades presentes e expressas através da morte de Susana. O sujeito se isola mais uma vez de sua realidade, conforma-se com a morte e ignora todo o contexto em que ocorrem os episódios. Fato que comprova essa passagem é o expresso na seguinte frase *No hubo modo de hacer que se fueran antes, por el contrario, siguieron llegando más*.

RD9

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
La Media Luna estaba sola, en silencio. Se caminaba con los pies descalzos; se hablaba en voz baja. Enterraron a Susana San Juan y pocos en Comala se enteraron. Allá había feria. Se jugaba a los gallos, se oía la música; los gritos de los borrachos y de loterías. Hasta acá llegaba la luz del pueblo, que parecía una aureola sobre el cielo gris. Porque fueron días grises, tristes para la Media Luna. Don Pedro no hablaba. No salía de su cuarto. Juró vengarse de Comala: -Me cruzaré de brazos y Comala se morirá de hambre. Y así lo hizo. (RULFO, 2008, p. 171).	A Media Luna estava solitária, em silêncio. Caminhava-se com pés descalços; falava-se em voz baixa. Enterraram Susana San Juan e pouca gente em Comala percebeu. Lá havia festa. Apostava-se nos galos, ouvia-se música; os gritos dos bêbados e das vísperas. Até lá chegava a luz do povoado, que parecia uma auréola sobre o céu cor de cinza. Porque foram dias cor cinza, tristes para a Media Luna. Dom Pedro não falava. Não saía do seu quarto. Jurou vingar-se de Comala: - Vou cruzar os braços e Comala vai morrer de fome. E foi o que ele fez. (NEPOMUCENO, 2008, p. 129).

O silêncio na Media Luna ecoa devido à morte de Susana San Juan. Neste fragmento, por exemplo, observa-se o silêncio, a solidão e, ao mesmo tempo, mostrando o luto de Media Luna: *Se jugaba a los gallos, se oía la música; los gritos de los borrachos y de loterías. Hasta acá llegaba la luz del pueblo, que parecía una aureola sobre el cielo gris.* A luz do povo é o que dá forças, resgata a população do sofrimento.

Outra observação possível é sobre a presença de um discurso que retrata a tristeza, dias que ficaram marcados pelas consequências da Revolução Mexicana. No trecho *Porque fueron días grises, tristes para la Media Luna. Don Pedro no hablaba. No salía de su cuarto. Juró vengarse de Comala: -Me cruzaré de brazos y Comala se morirá de hambre. Y así lo hizo* obtém-se um vislumbre da posição discursiva de Don Pedro Páramo, mostrando assim a sua voz autoritária, vingativa, autossuficiente, centralizadora nas decisões e, por isso mesmo, alimentadora da dependência da maioria ao poder de vida e morte nas mãos de um só, geralmente, na América Latina, a um fazendeiro.

Quanto à tradução, neste fragmento é utilizado, na LP, *Enterraron a Susana San Juan y pocos en Comala se enteraron.* Duas palavras graficamente semelhantes e com um sentido distinto. A tradução para a LC é apresentada como *Enterraram Susana San Juan e pouca gente em Comala percebeu.* A palavra *enterraron* foi substituída pela palavra *percebe*, alterando, em partes a semântica da frase, pois *perceber* é um verbo que remete à subjetividade, enquanto *inteirar-se* é fazer parte, incluir-se no acontecimento.

Submissão e exploração do povo campesino são perceptíveis no próximo RD, em que Rulfo narra a passagem de um circo por Comala:

RD10

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras. Músicos. Se acercaban primero como si fueran mirones, y al rato ya se habían avvicinado, de manera que hasta hubo serenatas. Y así poco a poco la cosa se convirtió en fiesta. Comala hormigueó de gente, de jolgorio y de ruidos, igual que en los días de la función, en que costaba trabajo dar un paso por el pueblo.	Sabe-se lá de onde, o fato é que chegou um circo, trazendo acrobatas e trapezistas. Músicos. Primeiro se aproximavam como se fossem curiosos, e num instante já tinham se transformado em vizinhos, de maneira que houve até serenata. E assim, pouco a pouco a coisa se transformou em festa. Comala formigou de gente, de festança e de ruídos, igual que nos dias da quermesse, quando dava trabalho dar

(RULFO, 2008, p. 171).	um passo pelo povoado. (NEPOMUCENO, 2008, p. 129).
------------------------	--

Mais uma vez evidencia-se o reflexo da desolação da população mexicana. Neste fragmento, *Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras*, presume-se que o circo chega à Comala sem qualquer motivo, sem ninguém entender o porquê. A expressão *Quién sabe* denota certo desinteresse pelo que acontece no espaço onde vivem.

Compreende-se que o Interdiscurso determina o que pode e o que deve ser dito em uma determinada uma Formação Discursiva. Portanto, a relação entre o Interdiscurso e à Formação Discursiva é fundamental. Neste RD, a FD insere-se em uma conjuntura social precária, que dará sentido ao discurso de Dorotea. Exaustos das condições em que estavam, o circo que ali passou trouxe alegria àquele povo pobre. A FD inserida nesse recorte traz uma lembrança de quando Comala parecia ser um lugar sem problemas, sem injustiças, como pode ser perceptível neste trecho: *Comala hormigueó de gente, de jolgorio y de ruidos, igual que en los días de la función, en que costaba trabajo dar un paso por el Pueblo.*

Já a tradução de *Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras* mostra na LC como *Sabe-se lá de onde, o fato é que chegou um circo, trazendo acrobatas e trapezistas*. Primeiramente o uso de um verbo impessoal *sabe-se*, enquanto na obra de partida há a presença de um pronome interrogativo *quién*, que aproxima as relações entre o circo e a população. *Volantines* é traduzido como *acrobatas* e *sillas voladoras* como *trapezista*, o que é presumível que tenha havido uma adaptação nessa tradução, pois, literalmente, *sillas voladoras* significa cadeiras voadoras.

Refletindo ainda acerca do Interdiscurso, no seguinte RD são apresentadas recordações que são expressas pelas vozes, que contém, em seu registro, a memória discursiva:

RD11

Discurso de Partida	Discurso de Chegada
La madrugada fue apagando mis recuerdos. Oía de vez en cuando el sonido de las palabras, y notaba la diferencia. Porque las palabras que había oído hasta entonces, hasta entonces lo supe, no tenían ningún sonido, no sonaban; se sentían; pero sin sonido, como las que se oyen durante los sueños. (RULFO, 2008, p. 107).	A madrugada foi apagando minhas recordações. Ouvia de vez em quando o som das palavras, e notava a diferença. Porque as palavras que havia ouvido até então, e só então fiquei sabendo, não tinham nenhum som, não soavam; sentiam-se; mas sem som, como as que ouvem durante os sonhos. (NEPOMUCENO, 2008, p. 59).

Aqui há a *não* identificação das vozes que Juan Preciado escuta e que parece não entender. *La madrugada fue apagando mis recuerdos* é o fragmento que bem expressa o isolamento, o descaso com que vinha tratando as vozes. Algo perturbador, que não se concretiza é anunciado através dessas vozes. Em toda a obra predomina o uso dessas recordações que são definidas pelo Interdiscurso e são representadas através da memória social.

Se sentían; pero sin sonido, como las que se oyen durante los sueños demonstra a tentativa de ouvir vozes como somente se pode ouvir em sonhos e era exatamente dessa forma que Juan Preciado gostaria de estar no contexto em que se encontrava: vivendo de um sonho que poderia, assim que pudesse, concluir com tudo que ocorria ali, transformando o mundo de dubiedade, nebulosidade e mistério, que Pedro Páramo representa incessantemente.

Como explicitado no início deste trabalho, muitas vezes os problemas de tradução não estão evidentes no texto. Neste RD, não existem maiores problemas tradutórios, os quais comprometeriam a semântica desse trecho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literatura e linguagem sempre se entrecruzaram. A literatura permite conhecer o irreconhecível, criar e recriar a realidade. E é pela linguagem que tudo faz sentido. Integrar literatura e linguística é essencial no campo das letras, pois uma complementa-se na outra. Foi a partir desse possível diálogo que este trabalho, realizado em um curso de Mestrado em Letras - Literatura Comparada, adquiriu significado. A ciência linguística, associada ao encantamento literário, trouxe contribuições importantes para a realização desta pesquisa.

A partir do aclamado romance *Pedro Páramo*, integrante da literatura mexicana, com todos os seus encantamentos reproduzidos pela estrutura narrativa, esta pesquisa foi produzida. O contexto histórico da população do México está presente em toda obra, reproduzindo sonhos, medos e imaginário, tanto do próprio escritor, como da memória social dos povos latino-americanos.

Com todas essas características, compreender o que há impregnado e não totalmente desvelado no discurso desses cidadãos é o que instigou esta pesquisa. Bem mais que um discurso de vidas transformadas por uma revolução social, há, ainda, a presença de casos particulares de vidas que passaram por transformações.

Juan Rulfo, em sua narrativa ficcional e memorialista da literatura ibero-americana, sofisticado, trabalha com virtudes que tendem a evidenciar as vontades – seus desejos – escondidas em si próprio, já que traz para o seu texto a experiência triste de sua vida. As palavras que emprega surpreendem e são muito simbólicas. Através delas, recria realidades subjetivas, em sintonia com os desejos de vozes inconscientes.

Após a definição do *corpus*, a escolha da teoria a ser trabalhada foi decisiva e desafiadora, já que, no PPG- Letras- Literatura Comparada, a Análise do Discurso não foi trabalhada enquanto disciplina do curso, tampouco na graduação em Letras. Assim, o interesse por esta teoria foi compartilhado com a orientadora deste trabalho, que me inseriu no Grupo de Pesquisa, a fim de que investigasse e aprofundasse os conhecimentos sobre a AD de linha francesa.

Assim, foi possível buscar pistas da ideologia, das condições de produção, da formação discursiva, do contexto histórico e social, um possível significado dos discursos existentes nos recortes discursivos escolhidos. Bem mais do que no óbvio – já que na AD é preciso desconfiar dele –, foi necessário adentrar nas raízes da história, nas condições sociais e ideológicas do México dos anos 40 e 50 do século recentemente encerrado, para obter um resultado mais próximo da verdade literária possível de desvendar como reflexo das condições de produção discursiva que cercaram a produção da obra constitutiva do *corpus*.

Ainda, foi através de fragmentos que remetessem à subjetividade e à memória que foram selecionados os Recortes Discursivos aqui analisados. Foi pela revisão da memória social que se pôde identificar e resgatar as características históricas que fizeram toda diferença na análise contida neste trabalho, uma vez que tornou possível compreender o discurso dos sujeitos envolvidos nas múltiplas situações discursivas. Conforme Davallon, “a capacidade de conservar o passado e sua fragilidade devida ao fato de que o que é vivo na consciência do grupo desaparecerá com os membros desse último” (1999, p. 25). Pretende-se, em certa medida, que este trabalho tanto se constitua em uma contribuição, por pequena que seja, aos esforços pela preservação da memória cultural, social e política da Latino-América, quanto contribua para aprofundar o diálogo entre os estudos literários e linguísticos como expressões que se complementam no campo da linguagem humana.

Textos como o de Rulfo trazem à tona as questões sociais existentes em todo o mundo. Através de uma estrutura narrativa fragmentada, a obra configura um mundo de desolação, com distintas formas de violência, destruindo toda Comala, levando a população campesina mexicana a um desengano em relação ao local em que vivia.

Durante a realização deste trabalho, foi possível, também, compreender, a partir do ato tradutório, que, além de tudo, comparar obras em uma língua de partida e língua de chegada é tarefa que demanda conhecimento linguístico, pesquisa histórica, a fim de tornar a tradução mais próxima ao texto original. Tradução, como lembrado no início deste trabalho, não é tarefa fácil e, tampouco, objetiva. Na maioria dos casos aqui analisados, constataram-se digressões decorrentes do uso cotidiano, informal, da língua original e também se observou como o mesmo texto foi transposto para outro idioma, portando diferenças e, também, muitas semelhanças.

Assim, vislumbra-se através dos resultados deste trabalho o diálogo, a relação que pode existir entre a ciência linguística – AD - e a literatura, compreendendo que, a partir da AD, foi possível refletir nos entremeios, no óbvio, buscar em cada palavra um significado nem tão evidente na superfície discursiva, mas passível de uma interpretação discursiva, interpretação que, como bem se demonstrou aqui, nunca finda, não (im)põe limites e não esgota as reflexões possíveis sobre o discurso como um construtor de sentidos entre interlocutores.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre et al. (Org.). **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

ARROJO, Rosemary. **O Signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2. ed. Campinas, SP : Pontes, 2003.

_____. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. Modernidade e o desprezo pela tradução como objeto de pesquisa. **Alfa**, São Paulo: UNESP, n. 44, p. 71-87, 2000. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4280/3869>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

BAÍA, Paulo. Indigentes, invisíveis e desqualificados: uma análise do romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo. **Revista Achegas**, n. 20, nov./dez. 2004. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/vinte/paulo_baia_20.htm>. Acesso em: 27 fev. 2012.

CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DAVALLON, Jean. **A imagem, uma arte da memória?** in ACHARD, Pierre et al. (Org.). **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

DOR, Jöel. **Introdução à leitura de Lacan**. Estrutura do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007.

FELL, Claude. **Juan Rulfo – toda la obra**. Paris: ALLCA XX, 1996. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=RH9UUph_rHgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 abr. 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Revista Letras**, UFSM, n. 27, p. 39-46, 2003. Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf>. Acesso em: 24 out. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: PGET, n. 8, p.11-28, 2003.

_____. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Final da Idade Média e o Renascimento. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: PGET, n. 13, p. 09-25, 2005.

_____. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Idade Média. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: PGET, n. 12, p.09-28, 2005.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do Discurso: a materialidade do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001.

HATTNER, Álvaro. Tradução e identidade: o tradutor como transmorfo. **Letras**, Santa Maria, n. 8, p.31-37, 1994.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

JOHNSON, Bárbara. A fidelidade considerada filosoficamente. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: UNICAMP, 1998.

LACERDA, Patricia, *et al.* Rediscutindo a noção de equivalência linguística na tradução a partir da Sociolinguística Variacionista. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora: UFJF, n. 14, p. 1-11, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/11/Soares.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura: Da história no discurso**. Trad. Mônica Graciela Zoppi Fontana. Campinas, 1997.

_____. **A inquietação do discurso: (Re) ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

_____. A inquietude do discurso. Uma trajetória da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, Eni P. et al. (Org.). **Gestos de Leitura**: da História no Discurso. Campinas: UNICAMP, 1997.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. **Cadernos de Letras**, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 27, p. 59-72, 2010. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2012.

MITTMANN, Solange *et al.* (Org.). **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prata, 2008.

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório**: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

NASIO, J. D. **Meu corpo e suas imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NEPOMUCENO, Eric. Anotações sobre um gigante silencioso. Prefácio. In: RULFO, Juan. **Pedro Páramo**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. 3. ed. São Paulo: 2010.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e Texto**: a formulação e circulação dos sentidos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **O que é linguística?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997a.

_____. **Pedro Páramo**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b.

RULFO, Juan. **Pedro Páramo**. 21 ed. Madrid: Cátedra, 2008.

_____. **Pedro Páramo**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Org.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Pedro. Quando traduzir não é interpretar. **Cadernos de Tradução**, Santa Catarina, UFSC, n. 1, p. 70-81, 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/tradução>>. Acesso em: 31 jul. 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**. Trad. Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ANEXOS

ANEXO A: Recortes discursivos analizados na obra

Discurso de Partida:

Discurso de Chegada:

RD1	RD1
<p>- No vayas a pedirle nada. Exígele lo nuestro. Lo que estuvo obligado a darme y nunca me dio... El olvido en que nos tuvo, mi hijo, cóbraselo caro.</p> <p>- Así lo haré, madre.</p> <p>Pero no pensé cumplir mi promesa. Hasta que ahora pronto comencé a llenarme de sueños, a darle vuelo a las ilusiones. Y de este modo se me fue formando un mundo alrededor de la esperanza que era aquel señor llamado Pedro Páramo, el marido de mi madre. Por eso vine a Comala. (RULFO, 2008, p. 65)</p>	<p>- Não peça nada a ele. Exige o que é nosso. O que ele tinha de ter me dado e não me deu nunca... O esquecimento em que nos deixou, filho, você deve cobrar caro.</p> <p>- Vou fazer isso, mãe.</p> <p>Mas não pensei em cumprir minha promessa. Até que agora comecei a me encher de sonhos e a soltar as ilusões. E assim foi se formando em mim um mundo ao redor da esperança que era aquele senhor chamado Pedro Páramo, o marido da minha mãe. Por isso vim a Comala. (NEPOMUCENO, 2008, p. 15).</p>

RD2	RD2
<p>Allí estaba su madre en el umbral de la puerta, con una vela en la mano. Su sombra descorrida hacia el techo, larga, desdoblada. Y las vigas del techo la devolvían en pedazos, despedazada.</p> <p>- Me siento triste - dijo.</p> <p>Entonces ella se dio vuelta. Apagó la llama de la vela. Cerró la puerta y abrió sus sollozos, que se siguieron oyendo confundidos con la lluvia. El reloj de la iglesia dio las horas, una tras otra, una tras otra, como si se hubiera encogido el tiempo. (RULFO, 2008, p. 77).</p>	<p>Lá estava sua mãe no umbral da porta, com uma vela na mão. Sua sombra escorrida rumo ao teto, longa, estendida. E as vigas do teto a devolviam os pedaços, despedaçada.</p> <p>- Estou triste – disse.</p> <p>Então ela se virou. Apagou a chama da vela. Fechou a porta e abriu seus soluços, que continuaram sendo ouvidos confundidos com a chuva.</p> <p>O relógio da igreja badalou as horas, uma atrás da outra, como se o tempo tivesse encolhido. (NEPOMUCENO, 2008, p. 27).</p>

RD3	RD3
<p>- ¿ No me oyes? - pregunté en voz baja.</p> <p>Y su voz me respondió:</p> <p>- ¿Dónde estás?</p> <p>- Estoy aquí, en tu pueblo. Junto a tu gente. ¿No me ves?</p> <p>- No hijo, no te veo.</p> <p>Su voz parecía abarcarlo todo. Se perdía más allá de la tierra.</p> <p>- No te veo. (RULFO, 2008, p. 116).</p>	<p>Está me ouvindo? - perguntei em voz baixa.</p> <p>E sua voz me respondeu:</p> <p>- Onde você está?</p> <p>- Estou aqui, no seu povoado. Com a sua gente. Não está me vendo?</p> <p>- Não filho, não vejo você.</p> <p>Sua voz parecia cobrir tudo. Perdia-se mais além da terra.</p> <p>- Não vejo você. (NEPOMUCENO, 2008, p. 68).</p>

RD4	RD4
<p>Allá hallarás mi querencia. El lugar que yo quise. Donde los sueños me enflaquecieron. Mi pueblo, levantado sobre la llanura. Lleno de árboles y de hojas, como una alcancía donde hemos guardado nuestros recuerdos. Sentirás que allí uno quisiera vivir para la eternidad. El amanecer; la mañana; el mediodía y la noche, siempre los mismos; pero con la diferencia del aire. Allí, donde el aire cambia el color de las cosas; donde se ventila la vida como si fuera un murmullo; como si fuera un puro murmullo de la vida. (RULFO, 2008, p. 117-118).</p>	<p>Lá você vai encontrar a minha querência. O lugar que eu amei. Onde os meus sonhos emagreceram. Meu povoado, levantado sobre a planície. Cheio de árvores e de folhas, como um cofre onde guardamos nossas memórias. Você vai sentir que ali a gente gostaria de viver para a eternidade. O amanhecer; a manhã; o meio-dia e a noite, sempre os mesmos; mas com a diferença do ar. Lá, onde o ar muda a cor das coisas, onde a vida se ventila como se fosse um murmúrio; como se fosse um puro murmúrio da vida... (NEPOMUCENO, 2008, p. 70)</p>

RD5	RD5
<p>– ¿Cómo dice usted que se llama el pueblo que se ve allá abajo? – Comala, señor. – ¿Está seguro de que ya es Comala? – Seguro, señor. – ¿Y por qué se ve esto tan triste? – Son los tiempos, señor. Yo imaginaba ver aquello a través de los recuerdos de mi madre; de su nostalgia, entre retazos de suspiros. Siempre vivió ella suspirando por Comala, por el retorno; pero jamás volvió. Ahora yo vengo en su lugar. Traigo los ojos con que ella miró estas cosas, porque me dio sus ojos para ver. (RULFO, 2008, p. 66).</p>	<p>- Como é que o senhor disse que se chama o povoado que se vê lá embaixo? - Comala, senhor. - Tem certeza de que já é Comala? -Tenho, sim senhor. - E por que isto parece tão triste? - São os tempos, senhor. Eu imaginava ver aquilo através das recordações da minha mãe; da sua nostalgia, entre fiapos de suspiros, Ela viveu sempre suspirando por Comala, pelo regresso; mas jamais voltou. Agora, venho eu em seu lugar, Trago os olhos com que ela viu estas coisas, por que me deu olhos para ver. (NEPOMUCENO, 2008, p. 16).</p>

RD6	RD6
<p>Llegué a la plaza, tienes tú razón. Me llevó hasta allí el bullicio de la gente y creí que de verdad la había. Yo ya no estaba muy en mis cabales; recuerdo que me vine apoyando en las paredes como si caminara con las manos. Y de las paredes parecían destilar los murmullos como si se filtraran de entre las grietas y las descarapeladuras. Yo los oía. Eran voces de gente; pero no voces claras, sino secretas, como si me murmuraran algo al pasar, o como si zumbaran contra mis oídos. (RULFO, 2008, p. 118).</p>	<p>Cheguei na praça, você tem razão. Fui levado até lá pelo alvoroço das gentes e achei de verdade que havia gente. Eu já não estava muito em meus eixos; recordo que vim me apoiando nas paredes como se caminhasse com as mãos. E os sussurros pareciam destilar das paredes, como se se filtrassem entre as gretas e os descascados abertos no reboco. Eu os ouvia. Eram vozes de gente; mas não vozes claras, e sim secretas, como se murmurassem alguma coisa ao passar, ou como se zumbissem contra os meus ouvidos. (NEPOMUCENO, 2008, p. 70).</p>
RD7	RD7
<p>Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras. Músicos. Se acercaban primero como si fueran mirones, y al rato ya se habían avvicinado, de manera que hasta hubo serenatas. Y así poco a poco la cosa se convirtió en fiesta. Comala hormigueó de gente, de jolgorio y de ruidos, igual que en los días de la función, en que costaba trabajo dar un paso por el pueblo. (RULFO, 2008, p.171).</p>	<p>Sabe-se lá de onde, o fato é que um chegou um circo, trazendo acrobatas e trapezistas. Músicos. Primeiro se aproximavam como se fossem curiosos, e num instante já tinham se transformado em vizinhos, de maneira que houve até serenata. E assim, pouco a pouco a coisa se transformou em festa. Comala formigou de gente, de festança e de ruídos, igual que nos dias da quermesse, quando dava trabalho dar um passo pelo povoado. (NEPOMUCENO, 2008, p. 129).</p>

RD8	RD8
Las campanas dejaron de tocar; pero la fiesta siguió. No hubo modo de hacerles comprender que se trataba de un duelo, de días de duelo. No hubo modo de hacer que se fueran antes, por el contrario, siguieron llegando más. (RULFO, 2008, p.171).	Os sinos deixaram de tocar; mas a festa continuou. Não teve como fazer o pessoal compreender que se tratava de um luto, de dias de luta. Não houve como fazer com que se fossem; pelo contrário, continuou chegando mais e mais gente. (NEPOMUCENO, 2008, p.129)
RD9	RD9
La Media Luna estaba sola, en silencio. Se caminaba con los pies descalzos; se hablaba en voz baja. Enterraron a Susana San Juan y pocos en Comala se enteraron. Allá había feria. Se jugaba a los gallos, se oía la música; los gritos de los borrachos y de loterías. Hasta acá llegaba la luz del pueblo, que parecía una aureola sobre el cielo gris. Porque fueron días grises, tristes para la Media Luna. Don Pedro no hablaba. No salía de su cuarto. Juró vengarse de Comala: -Me cruzaré de brazos y Comala se morirá de hambre. Y así lo hizo. (RULFO, 2008, p. 171).	A Media Luna estava solitária, em silêncio. Caminhava-se com pés descalços; falava-se em voz baixa. Enterraram Susana San Juan e pouca gente em Comala percebeu. Lá havia festa. Apostava-se nos galos, ouvia-se música; os gritos dos bêbados e das visporas. Até lá chegava a luz do povoado, que parecia uma auréola sobre o céu cor de cinza. Porque foram dias cor cinza, tristes para a Media Luna. Dom Pedro não falava. Não saía do seu quarto. Jurou vingar-se de Comala: - Vou cruzar os braços e Comala vai morrer de fome. E foi o que ele fez. (NEPOMUCENO, 2008, p. 129).

RD10	RD10
<p>Quién sabe de dónde, pero llegó un circo, con volantines y sillas voladoras. Músicos. Se acercaban primero como si fueran mirones, y al rato ya se habían acercado, de manera que hasta hubo serenatas. Y así poco a poco la cosa se convirtió en fiesta. Comala hormigueó de gente, de jolgorio y de ruidos, igual que en los días de la función, en que costaba trabajo dar un paso por el pueblo. (RULFO, 2008, p. 171).</p>	<p>Sabe-se lá de onde, o fato é que chegou um circo, trazendo acrobatas e trapezistas. Músicos. Primeiro se aproximavam como se fossem curiosos, e num instante já tinham se transformado em vizinhos, de maneira que houve até serenata. E assim, pouco a pouco a coisa se transformou em festa. Comala formigou de gente, de festança e de ruídos, igual que nos dias da quermesse, quando dava trabalho dar um passo pelo povoado. (NEPOMUCENO, 2008, p. 129).</p>

RD11	RD11
<p>La madrugada fue apagando mis recuerdos. Oía de vez en cuando el sonido de las palabras, y notaba la diferencia. Porque las palabras que había oído hasta entonces, hasta entonces lo supe, no tenían ningún sonido, no sonaban; se sentían; pero sin sonido, como las que se oyen durante los sueños. (RULFO, 2008, p. 107).</p>	<p>A madrugada foi apagando minhas recordações. Ouvia de vez em quando o som das palavras, e notava a diferença. Porque as palavras que havia ouvido até então, e só então fiquei sabendo, não tinham nenhum som, não soavam; sentiam-se; mas sem som, como as que ouvem durante os sonhos. (NEPOMUCENO, 2008, p. 59).</p>